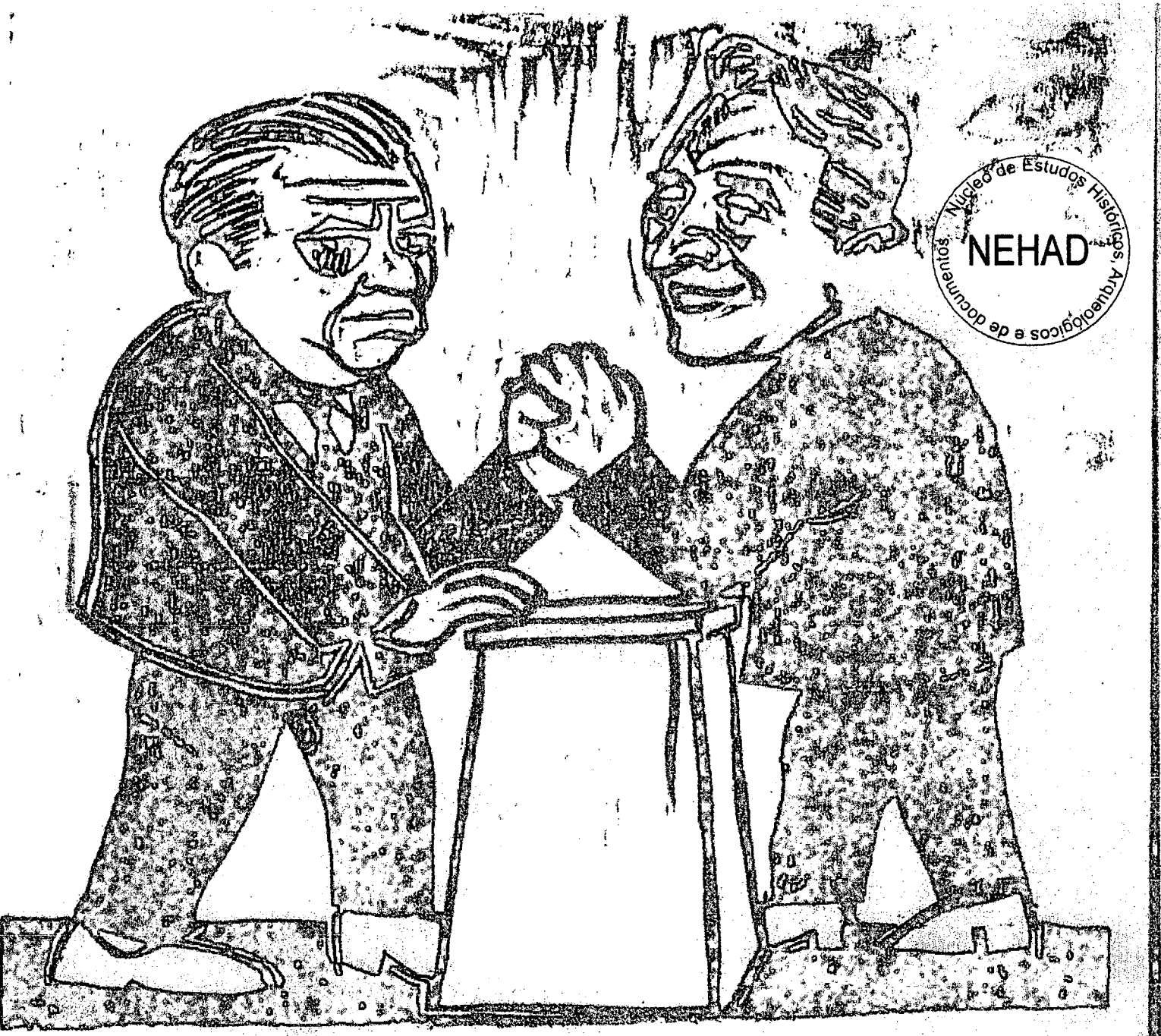


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



LITERATURA POPULAR E POLÍTICA: AS REPRESENTAÇÕES DA POLÍTICA
POTIGUAR NA LITERATURA DE CORDEL (1945-1964).

CLAUDICE MARIA DE FRANÇA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA



LITERATURA POPULAR E POLÍTICA: AS REPRESENTAÇÕES DA POLÍTICA
POTIGUAR NA LITERATURA DE CORDEL (1945-1964).

CLAUDICE MARIA DE FRANÇA

Natal
2007

CLAUDICE MARIA DE FRANÇA

LITERATURA POPULAR E POLÍTICA: AS REPRESENTAÇÕES DA POLÍTICA
POTIGUAR NA LITERATURA DE CORDEL (1945-1964).

*Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de graduação
em História, habilitação em Licenciatura
Plena e Bacharelado.*

***Orientador:** Prof. Dr. Helder Viana do
Nascimento.*

Natal
2007

*A todos que amam a
literatura de cordel e
como eu, desejam sua
preservação e
continuidade.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado força e coragem para enfrentar mais esse desafio.

Ao meu orientador, o professor Helder Viana pela paciência, compreensão e atenção que me dedicou sempre que precisei.

À professora Sandra Cristinne Xavier Pela presteza e boa vontade com que fez a correção gramatical.

Enfim agradeço a todos que colaboraram de alguma maneira para a realização desse trabalho.

LITERATURA POPULAR E POLÍTICA: AS REPRESENTAÇÕES DA POLÍTICA
POTIGUAR NA LITERATURA DE CORDEL (1945-1964).

CLAUDICE MARIA DE FRANÇA

BANCA EXAMINADORA

PROFº DRº HELDER VIANA DO NASCIMENTO

1º MEMBRO

2º MEMBRO

NATAL/RN
2007

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 06 |
| CAPÍTULO I | |
| O CORDEL NA HISTÓRIA | 08 |
| O CORDEL COMO DOCUMENTO HISTÓRICO | 13 |
| CAPÍTULO II | |
| O RIO GRANDE DO NORTE NO CONTEXTO POPULISTA | 19 |
| O LENTO CRESCIMENTO DA ECONOMIA ESTADUAL | 19 |
| A POLITICA POPULISTA NO ESTADO | 22 |
| A CAMPANHA PARA GOVERNO DO ESTADO EM 1960 | 27 |
| CAPÍTULO III | |
| OS FOLHETOS POPULARES NO CONTEXTO POPULISTA POTIGUAR | 32 |
| HOMENAGENS PÓSTUMAS | 42 |
| O FOLHETO POLÍTICO RELIGIOSO | 45 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 50 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo principal estudar a história política do Rio Grande do Norte no período de 1945 a 1964, contada através da literatura de cordel, buscando responder a seguinte problemática: “Como os cordelistas representaram os acontecimentos da história política local e nacional no período de 1945 a 1964 em sua produção literária?”.

Usando a literatura de cordel como fonte historiográfica, percebemos as diferentes versões dos acontecimentos histórico-políticos e também compreendemos como esses acontecimentos afetaram o imaginário popular, uma vez que a literatura de cordel é impregnada de subjetivismo.

Nossa pesquisa enquadra um período que corresponde a uma fase entre ditaduras (a de Vargas, que terminou em 1945 e a do período militar, que começou em 1964), na qual houve um princípio de redemocratização com forte efervescência política. No âmbito cultural, aconteceu um avanço da cultura letrada e uma popularização do rádio cada vez maior, o que acarretou um aumento da participação das camadas populares nas questões políticas. Por isso nossa pesquisa foi encaminhada de modo que possamos perceber como a movimentação política desse período afetou a produção literária dos cordelistas potiguares. Além disso, é importante compreender como os ditos cordelistas se comportaram literariamente diante do contexto histórico regional e nacional.

Como instrumento de pesquisa, usamos folhetos de “ocorrido”, além de livros que têm a literatura de cordel como tema, como, por exemplo, “Histórias de cordéis e folhetos”, de Márcia Abreu, que nos forneceu detalhes preciosos sobre essa literatura. A “Antologia da literatura de cordel”, organizada por Sebastião Nunes Batista, que trata da história dessa literatura também nos conta um pouco sobre a vida de seus maiores autores e nos coloca em contato com folhetos que, talvez de outra maneira, não conseguiríamos conhecer.

Outra obra básica que consultamos sobre o tema foi “O que é literatura de cordel?”, de Franklin Machado, pois esse autor busca as origens mais remotas do cordel, disponibilizando informações valiosas sobre esse assunto.

No que concerne à história do Rio Grande do Norte, consultamos obras que abrangem o período em questão, como, por exemplo, “A História das campanhas populares no Rio Grande do Norte” que é o produto de uma apurada pesquisa do jornalista José Ayrton de Lima sobre as campanhas eleitorais potiguares desde a primeira eleição para a

assembléia constituinte provincial, em 1834, até a eleição para governador do Estado, em 1986.

Outro aspecto de nossa pesquisa é o embasamento teórico. Utilizamos alguns conceitos articulados por autores da Nova História Cultural, como Peter Burke, que nos mostra claramente a diferença entre os diversos tipos de cultura, desmistificando a idéia de que a cultura erudita ou clássica é em tudo superior à cultura popular.

Organizamos este trabalho em três capítulos. O primeiro relata um pouco da história da literatura de cordel, tendo, porém, como principal objetivo reconstituir a origem da exploração literária a partir da visão dos cordelistas acerca dos acontecimentos que provocavam rupturas em processos históricos. Além disso, tenta explicar as diferenças entre os diversos tipos de literatura de cordel encontrados em várias partes do mundo, por meio das idéias dos teóricos da recepção cultural (Michel de Certeau e Roger Chartier).

O segundo capítulo objetiva recompor o cenário político e o contexto histórico do período pesquisado. Busca também explicar com base na teoria de Roger Chartier que a imagem dos políticos ou de quaisquer outras personalidades retratadas em folhetos (ou qualquer outro tipo de literatura) é apenas uma representação de como os autores percebiam os alvos de sua obra.

No capítulo final, fazemos uma análise dos folhetos, relacionando-os com o contexto histórico no qual foram produzidos. Para tanto, partimos do conceito de Carlo Ginzburg (1987) sobre circularidade cultural, pois observamos que nesse período havia um convívio mais próximo entre as classes dominantes e subalternas, principalmente no período eleitoral. Nesse sentido, seria de se esperar que as culturas erudita e popular tivessem contatos e trocassem elementos entre si, pois, enquanto, por um lado, as classes dominantes usavam a literatura de cordel (que é considerada parte da cultura popular) como meio para se comunicar com as camadas populares, por outro, a literatura de cordel sempre se utilizou de elementos de cultura erudita em suas composições. Finalizamos este capítulo contemplando o aspecto político-religioso do cordel, concluindo que as elites dominantes, durante todo o período pesquisado, usaram a religião como instrumento alienante para conquistar as massas e se perpetuarem no poder.

CAPÍTULO I

O CORDEL NA HISTÓRIA

A literatura de cordel é o conjunto de histórias tradicionais transmitidas pela tradição oral, consistindo na descrição de fatos recentes e de acontecimentos sociais impressos em folhetos baratos. Foi assim batizada porque esses folhetos eram presos por um cordel ou barbante, em exposição onde iam ser vendidos. Apesar dessa denominação ter surgido na Península Ibérica, outros países europeus também produziram um tipo similar de literatura, como a Alemanha, onde tão logo foi inventada a imprensa (ainda no século XV), começando-se a produzir impressos em folhetos para serem vendidos a preços populares. Um exemplo disso, encontramos no livro *O que é literatura de cordel?*, de Franklin Machado:

A viagem de Américo Vespúcio, em 1501, ao Brasil foi divulgada em folheto a partir de 1505, com várias edições. Era a tradução alemã da '*Relação de Vespúcio a Lourenço de Médice*', narrando sua aventura. Do folheto, o cartógrafo Martin Waldseemuller teve a idéia de retirar do nome do autor a designação de América para o seu mapa-mundi. E assim, denominou o continente novo. Também a própria morte do rei de Portugal Dom Sebastião e a batalha de Alcácer-kibir, quando Portugal passou para o domínio espanhol, foi contada em folheto em verso alemão em 1578.¹

Outro exemplo é a França, onde também houve uma grande exploração de folhetos, lá se desenvolveu a tão estudada *littérature de colportage*, que acabou por formar a *Bibliothèque Bleue*, um gênero editorial que fez circular pela França livros de baixo preço, impressos em grande número e divulgados através da venda ambulante. Esses folhetos eram lidos pelos camponeses franceses nos séculos XVII e XVIII e recebiam o nome de livros azuis porque muitos deles tinham a capa azul.

A data em que surgiu a literatura de cordel também não foi determinada com certeza, porém antes mesmo da invenção da imprensa já circulavam folhetos manuscritos pela Europa, conforme nos afirma o grande estudioso da literatura de cordel portuguesa

¹ MACHADO, Franklin. *O que é literatura de cordel?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980, p.24.

Teófilo Braga: “O povo português, antes que se difundisse a imprensa, usava o registro da poesia popular em cadernos manuscritos.”²

Porém, o que se sabe com certeza é que a literatura de cordel se popularizou a partir da invenção da imprensa, conforme afirma Franklin Machado:

A imprensa escrita possibilitou a publicação rápida e a baixo custo de um enorme manancial de literatura oral conservado de memória, por narradores ou cantadores, de geração em geração, sem se saber de autores definidos.³

Em Portugal, os folhetos ou “folhas soltas” eram vendidos por cegos que tinham este privilégio concedido por provisão régia, por isso essa literatura, entre outras denominações, também ficou conhecida como literatura de cego. Os folhetos eram vendidos nas feiras, romarias, praças e ruas, continham histórias baseadas em fatos históricos, poesia popular ou erudita e histórias já tradicionais, como ‘A Imperatriz Porcina’ e ‘A princesa Magalona’.

Essas e outras histórias contadas em folhetos vieram para o Brasil durante a colonização, de início, na mala de seus leitores que os traziam para relê-los como distração e até mesmo para recordar sua terra natal. Entretanto, com o tempo, a exportação de folhetos tornou-se lucrativa e passou a ser feita em larga escala. Assim, os folhetos passaram a ser trazidos para o Brasil em grande quantidade e variedade, conforme comprovou Márcia Abreu em suas pesquisas sobre literatura de cordel na torre do tomo em Portugal. Lá encontrou diversos pedidos de autorização para o envio de material impresso ao Brasil, destinados à Real Mesa Censitória, o papel desempenhado por esse órgão era o de examinar livros e papéis introduzidos no reino português ou em seus domínios, a fim de que fosse dada ou não aprovação para a sua publicidade. Desses pedidos, muitos eram de pessoas comuns que queriam trazer sua biblioteca particular para o Brasil ou enviar livros a um amigo, havendo também pedidos de livreiros ou editores que mandavam remessas de livros para serem vendidos no Brasil.

No interior do conjunto de títulos remetidos para o Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará encontram-se muitos folhetos de cordel. De um total de, aproximadamente, 2.600 pedidos analisados, 250 trazem títulos de cordel, sendo que cada um deles, em geral, requer autorização para dezenas de

² BATISTA, SEBASTIÃO Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. Natal: s/Ed. 1977 p.03

³ MACHADO. **O que é literatura de cordel?**. p.23

obras.⁴

Foi nos séculos XVI E XVII que essa Literatura chegou ao Brasil, através dos colonizadores portugueses. A difusão desta tradição ibérica não foi exclusividade do Brasil, mas se fez presente em outros países da América Latina, que produziram um tipo de literatura muito parecida com a nossa, como, por exemplo, os *pliegos sueltos* na Argentina, como também é conhecida na Espanha, e o *corrido* na Nicarágua e no México. Dessa forma, cada país absorveu a literatura de cordel à sua maneira, colaborando com suas próprias características para enriquecê-la. O mesmo se deu no Brasil, onde nossa literatura de cordel se tornou diferente da de outros países. Tal fato se deu conforme nos explicam os chamados teóricos da recepção cultural (dentre eles, Michel de Certeau e Roger Chartier), devido ao caráter ativo e criativo da recepção estabelecida aqui. Esses teóricos afirmam que a característica essencial da transmissão cultural é de que tudo o que se transmite muda. Conforme Chartier: “A aceitação de modelos e mensagens sempre opera através de ajustes, combinações e resistências”⁵. Dessa maneira, os poetas brasileiros travaram conhecimento com as obras do cordel português, apropriaram-se intelectualmente dessas obras e produziram representações próprias a partir delas, porém, de modo diferente, criando assim uma literatura de cordel específica do Brasil e tão diferente da que lhe deu origem que até se pode pensar que esta é totalmente originária do solo brasileiro. Tal raciocínio pode ser melhor esclarecido através do conceito de ‘apropriação cultural’, proposto por Peter Burke:



A ênfase transferiu-se do doador para o receptor. Com base em que o que é recebido é sempre diferente do que foi originalmente transmitido, porque os receptores, de maneira consciente ou inconsciente interpretam e adaptam as idéias, costumes, imagens e tudo o que lhes é oferecido.⁶

Outros estudiosos da literatura de cordel também perceberam esse fato, conforme afirma Ignez Ayala, que estudou a difusão dessas histórias nos estados nordestinos:

[...] Os poetas populares não transpõem mecanicamente, mas aclimatam, regionalizam, nordestinizam estes temas cuja origem perde-se no tempo [...] Esta aclimação, não se faz apenas pela paisagem, mas, principalmente pela

⁴ ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das letras, 1999. p.51

⁵ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.p.235

⁶ BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Ed.Civilização Brasileira, 2000 p.249

linguagem. As expressões utilizadas tanto pelo narrador, quanto pelos personagens são brasileiras e nordestinas.⁷

Para muitos autores o ambiente onde a literatura de cordel mais se desenvolveu no Brasil foi a região Nordeste, graças ao seu distanciamento dos grandes centros urbanos e ao desequilíbrio social que apresentou mais fortemente até meados do século XX. Outro fator preponderante no desenvolvimento do cordel na região foi o grande número de analfabetos que fazia parte da população nordestina e que se reunia para ouvir a leitura dos folhetos que agradavam a todos com sua linguagem simples e lírica.

Da mesma maneira que não se tem certeza de como a literatura de cordel originou-se na Europa, os estudiosos também não chegaram a um consenso sobre a sua origem no Brasil, pois muitos apontam essa falta de certeza em suas obras, como é o caso de Ana Maria Oliveira Galvão que afirma: “Não há entre os estudiosos um consenso quanto às origens desse tipo de literatura no país e, particularmente, seu desenvolvimento no nordeste brasileiro.”⁸

Quanto ao primeiro autor a imprimir seus versos, também não há um consenso entre os pesquisadores. Câmara Cascudo atesta que o primeiro folheto de cordel brasileiro a ser publicado foi o romance ‘*Zezinho e Mariquinha ou A vingança do Sultão*’, do cantador Silvino Pirauá em fins do século XIX. Ariano Suassuna diz que foi ‘*O romance d’A pedra do reino*’, impresso em 1836. Já Orígenes Lessa afirma que o folheto impresso mais antigo foi o ‘*Testamento que faz um macaco, especificando suas gentilezas, gaiatices, sagacidades, etc.*’, publicado em 1865, sem ter seu autor especificado. Outros autores, como Márcia Abreu, dizem que foi Leandro Gomes de Barros em 1896 que começou com esse gênero editorial no Brasil. O importante, porém, é que Leandro Gomes de Barros, mesmo não tendo sido o primeiro a publicar, manteve uma produção constante dando visibilidade a esta literatura no país, como nos relata Márcia Abreu: “Não se sabe quem foi o primeiro autor a imprimir seus poemas, mas, seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática”.⁹ Além disso, com seu inegável talento, ele cativou um grande público que se deliciava ao ouvir suas criações; criou

⁷ AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura e região: Aspectos da cultura nordestina contra a corrente: cultura popular nordestina e resistência à alienação.** In: Ciência histórica, Revista do departamento de História do Centro de ciências letras e artes da UFPB, ano II- abril/dezembro- 1986- n.22. p. 46

⁸ GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **Cordel leitores e ouvintes.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.p.28

⁹ ABREU, Márcia. **Histórias de cordel e folhetos.** . São Paulo: Mercado das letras, 1999. p.91

também regras que foram incorporadas ao cordel brasileiro de forma definitiva, sendo rejeitado pelo público o folheto que não as seguisse.

A literatura de cordel desde o início foi rica nas temáticas abordadas. De início os poetas tinham como maior fonte de inspiração histórias fantásticas de reis e princesas que viviam em reinos distantes e por vezes até imaginários ou então escreviam sobre as batalhas medievais, principalmente sobre Carlos Magno e suas lutas contra os mouros, conforme nos diz a antropóloga Julie Cavignac:

É a partir do livro de Carlos Magno, que circulou na Península Ibérica desde o século XVII, que Leandro Gomes de Barros, João Melquiades, José Bernardo da Silva, Antônio Eugênio da Silva e Marcos Sampaio tiraram episódios da vida de Roland de Roncevaux e descreveram em versos as batalhas dos doze pares da França contra os mouros. Eles foram publicados em folhetos ao longo dos primeiros decênios do século XX.¹⁰

Apesar desses folhetos serem baseados em fatos reais, era uma realidade tão distante, tanto no tempo quanto no espaço, que era natural essas histórias se confundirem com a fantasia. Porém não é possível datar ao certo, mas percebe-se fortemente no final do século XIX e início do século XX uma mudança de interesse dos cordelistas brasileiros que passaram a focar histórias baseadas em fatos reais, acontecidos com pessoas comuns (principalmente nos casos de crimes e desastres) e também com personagens famosas especialmente políticos, sem, no entanto deixar de continuar a escrever também suas histórias fantásticas.

Conforme assinalaram muitos estudiosos, essa diversidade temática e de interesse da literatura de cordel se tornaria uma característica deste gênero literário. Tal diversidade e riqueza literária levaram muitos escritores, folcloristas e posteriormente pesquisadores acadêmicos a estabelecer uma classificação desta produção. Entre os nomes destes estudiosos da produção cordelística estão Alceu Maynard, Ariano Suassuna, Carlos Alberto Azevedo, Diegues Júnior, Cavalcanti Proença, Roberto Câmara Benjamin, Orígenes Lessa, Raymond Cantel, Liêdo Maranhão, entre outros, dividiram-na e classificaram-na para melhor estudá-la.. Não detalharemos a classificação de cada um desses estudiosos porque isso foge ao objetivo de nosso trabalho, entretanto, a título de exemplo, citaremos as classificações dos dois primeiros autores – que aparecem em ordem alfabética, pois não

¹⁰ CAVIGNAC, Julie. *A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*. Natal: EDUFERN, 2006. p. 84.

consideramos uma mais correta que as outras, uma vez que esses pesquisadores classificaram a produção cordelística de forma muito subjetiva, visando atender a própria necessidade de sua pesquisa.

Então, a primeira delas é a de Alceu Maynard que está dividida em: 1- desafios, 2- histórias religiosas, 3- banditismo, 4- fatos sociais, 5- pornografia, 6- temas de literatura e história universal. E a segunda classificação é a de Ariano Suassuna: 1- Ciclo heróico, 2- Ciclo maravilhoso, 3- Ciclo religioso e moralidades, 4- Ciclo cômico, satírico e picaresco, 5- Ciclo histórico e circunstancial, 6- Ciclo de amor e fidelidade.¹¹ Uma das divisões que mais nos interessa aqui é a dos ciclos de época, de ocasião, biográfico e o de crítica que compõem os “folhetos de acontecido ou ocorrido”. O que caracterizaria tais folhetos é o fato de terem sido baseados em fatos reais, que aconteceram na época em que seus autores viveram ou mesmo bem antes deles terem nascido, mas estes tomaram conhecimento desses fatos através de livros, jornais ou da tradição oral.

O CORDEL COMO DOCUMENTO HISTÓRICO

Observa-se, porém que o que marcou o estudo desta literatura realizada pelos estudiosos foi seu caráter muito mais literário do que histórico. Procuramos aqui, como historiador poder encontrar nesses cordéis indícios que possam ajudar a compor o quadro histórico de período em que foram escritos, ao mesmo tempo em que, entendendo a partir das narrativas e do sentido dado a estes livretos uma maneira de recompor o contexto histórico estudado.

Buscamos compreender porque de um modo ou de outro alguns cordelistas acabavam por registrar suas versões dos fatos, as quais, muitas vezes, apesar da aparência fantástica, guardavam algum vínculo com os acontecimentos reais.

Nisso tudo o que mais nos chama a atenção é o interesse por parte dos poetas pelo fato real e contemporâneo. E a partir de que se originou esse interesse. Nesse sentido, na busca da origem do ciclo do ‘acontecido’, nos deparamos com obstáculos quase intransponíveis. Pois, quando se trata de achar a origem de tradições populares, verifica-se que inúmeras obras não têm autoria conhecida e muitas vezes sequer há registros sobre elas,

¹¹ CEARÁ, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. *Antologia da literatura de cordel*. Fortaleza: 1978, v.1. p. 42

sendo assim muitas se perderam no tempo. Por isso, persistem as dúvidas quanto à origem desse tipo diferente de cordel que deixou de lado os contos de fadas e as histórias de reis e rainhas míticas, para contemplar histórias mais contemporâneas.

No entanto, recontar fatos ocorridos em forma de poesia, legando-os às gerações futuras é algo muito antigo na história da humanidade, conforme afirma Câmara Cascudo no seu Dicionário do folclore: “A prática de conservar a memória dos episódios pelo canto poético é fórmula universal e milenar, sendo utilizado no Brasil pelos indígenas desde antes do ‘descobrimento’”.¹²

Do mesmo modo, registrar episódios reais através da literatura de cordel também ocorreu de modo disseminado, não só nos países colonizados pelas metrópoles ibéricas, como também nas próprias metrópoles. Para confirmar isso, podemos recorrer ao professor Manuel Diegues Júnior que, ao prefaciar a “Antologia de Literatura de Cordel” de Sebastião Nunes Batista, afirmou:

Os inícios da Literatura de cordel estão ligados à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de velhas épocas, que a memória popular foi conservando e transmitindo; são os chamados romances ou novelas de cavalaria, de amor, de narrativas de guerra ou viagens e conquistas marítimas. Mas ao mesmo tempo, também começaram a aparecer, no mesmo tipo de poesia e de apresentação, a descrição de fatos recentes, de acontecimentos sociais que prendiam a atenção da população.¹³

E afirma ainda que antes que o jornal se espalhasse a literatura de cordel era a fonte de informação em Portugal, mas quando o jornal começa a se disseminar ela decai.

Há, porém, quem atribua outra origem ao uso do fato real e contemporâneo na literatura de cordel, como é o caso de Menéndez y Pidal, que adverte:

Canciones sobre sucesos actuales existen por todos los países... estos romances noticiosos, enquanto constituyen un género regular y prolífico, son una particularidad del romancero español.¹⁴

Ou seja, Menéndez y Pidal contradiz diversos estudiosos ao afirmar que esse estilo cordelístico é característico unicamente da literatura de cordel espanhola. Porém,

¹² GALVÃO, Ana Maria Oliveira. *Cordel leitores e ouvintes*. p. 29

¹³ BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. p.01

¹⁴ MENENDEZ Y PYDAL apud GALVÃO, Hélio. *Dix-Sept Rosado*. p.71

independentemente da origem (hispânica ou peninsular), encontramos esse tipo de literatura em vários países da América Latina, onde geralmente leva o nome de ‘corrido’. A esse respeito, o professor Manuel Diegues Júnior explica:

O corrido tal como encontramos no México, na Argentina, na Nicarágua, ou no Peru, é a apresentação em versos não só de histórias tradicionais, oriundas do romanceiro peninsular, com também de fatos circunstanciais.¹⁵

No Brasil, os folhetos de acontecido abordaram todos os temas de nossa história, contando-a de maneira muito subjetiva, mas não ao ponto de impedir o seu uso para estudos historiográficos. Foi com o objetivo de transformar as narrativas populares em registros históricos, que o historiador americano Mark Curran usou folhetos de acontecido para contar 100 anos de nossa história, conforme observou:

[...] Seus poemas de acontecido são realmente memória, documento e registro de cem anos da história brasileira, recordados e reportados pelo cordelista, que além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época.¹⁶

Outros autores concordaram com os usos do cordel dado por Curran no que concerne ao caráter jornalístico da literatura de cordel. Estudiosos anteriores, como Orígenes Lessa, já haviam assinalado a importância dessas narrativas populares para a compreensão da história política nacional recente, como podemos ver nesta citação do próprio Curran:

Os desastres, as inundações, as secas, os cangaceiros, as reviravoltas da política alimentam o caráter jornalístico dessa produção que sobe a centenas de títulos por ano. O bom crime é a alegria do poeta. [...] Juscelino, Jânio, Jango botaram feijão em muita mesa de poeta.¹⁷

Parece, no entanto, que essa recorrência ao fato “acontecido” não era só uma questão de gosto do cordelista, a questão financeira também era importante, já que o relato de determinados acontecimentos favorecia o aumento das vendas dos folhetos. Podemos perceber isso neste relato de um vendedor de cordéis, numa entrevista concedida a Ana

¹⁵ BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da literatura de cordel*. p.03

¹⁶ CURRAN, Mark. *História do Brasil em cordel*. São Paulo: EDUSP, 1998. p.19.

¹⁷ CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. p.23.

Maria Oliveira Galvão em 2001:

Naquele tempo que morreu Getúlio Vargas, você vendia de cansar. Getúlio Vargas vendeu tanto, foi milhares de folhetos. Morreu Agamenon, a mulher de Agamenon, olhe não dava vencimento, a gráfica não dava vencimento pra fazer folhetos, o cordel de Agamenon era cheio de gente comprando, tinha muita gente vendendo. (Depoimento de Edson Pinto, vendedor de folhetos no Mercado São José em Recife desde 1938)¹⁸.

Ana Maria Oliveira Galvão também cita o professor Manuel Diegues Júnior, dizendo que, segundo ele: “por ocasião do suicídio de Vargas, em 1954, entre 20 e 30 folhetos sobre o tema foram publicados”.¹⁹

A partir dessas afirmações, poderíamos nos perguntar por que os folhetos venderam tanto nessa época, quando meios de comunicação como o rádio e o jornal já estavam bastante popularizados? Por que o leitor compraria um folheto sobre uma notícia que ele certamente já teria tido acesso em outro meio de comunicação? Ao que parece, a relação do leitor com a literatura de cordel seria algo bem mais complexo do que a necessidade de uma simples informação, conforme nos relata Galvão:

O que parece sobressair no folheto, não é, portanto, a reconstituição do fato em si ou a necessidade que o leitor teria de ficar informado sobre os acontecimentos. Os comentários sobre o caso, certamente, já circulavam na oralidade: o que parecia interessar ao suposto leitor/ouvinte era, além de uma opinião/interpretação do poeta sobre o caso, uma revisão, uma recapitulação daquilo que já sabia no formato literário da literatura de cordel. O que parece importar mais para o suposto leitor é, pois, menos a “atualidade” ou a informação objetiva sobre o fato/a notícia, e mais os valores universais rememorados pela história, nos quais ele crê e deles se alimenta cotidianamente.²⁰

Embora a maioria dos poetas continuasse a escrever obras para diversos ciclos diferentes, até porque eles não conheciam essas divisões, apenas escreviam sobre o que lhes dava prazer ou o que fosse mais interessante para o público, a exemplo de Leandro Gomes de Barros que recontou várias histórias tradicionais européias e, ao mesmo tempo, registrou histórias baseadas em problemas vivenciados por ele e por seus contemporâneos, como

¹⁸ GALVÃO, Ana Maria Oliveira *Cordel, leitores e ouvintes*. p.145

¹⁹Idem, *ibidem*. p.145

²⁰GALVÃO, Ana Maria Oliveira *Cordel, leitores e ouvintes*. p.90

podemos observar nestas estrofes de seu poema “A crise atual e o aumento do selo”:

Ora o povo que já estava
 Que só um barco sem leme
 Com o imposto que havia
 Um suspira e o outro geme
 Aumentar mais o imposto
 É botar gelo em quem treme.”

(...)

Um velho se maldizia
 Blasfemando contra a sorte
 Dizendo com esta crise
 Eu estou esperando a morte
 Esse imposto desgraçado
 Inda fez ela mais forte.²¹

Esse folheto foi escrito em 1915, falava sobre a carga tributária que já era pesada desde aquele tempo. Porém, esse não é o folheto mais antigo que fala sobre o cotidiano nacional, pois mesmo desse autor temos obras mais antigas. Escolhemos citá-lo devido à incrível atualidade do tema de seu poema.

Apesar dos cordelistas brasileiros terem desenvolvido o cordel de acontecido até que ele chegasse a uma grande sofisticação, podemos perceber pelo exposto neste trabalho que esse tipo de folheto não existe unicamente no Brasil e que suas origens perderam-se no tempo, de forma que não podemos chegar a uma conclusão segura quanto ao lugar que lhe deu origem. Podemos, entretanto, concluir que não houve de uma hora para outra uma mudança de interesse dos nossos cordelistas pela realidade, na verdade, esse enfoque já nasceu com o cordel, seja onde for que ele tenha surgido. A partir de meados dos anos quarenta, a reconquista da liberdade política fez com que os folhetistas se interessassem mais pela política. muitos se perceberam como agente de mudança, ao influenciar na escolha eleitoral, ou ao valorizar o nome de personagens políticas que não deveriam ser esquecidas.

É neste contexto no Rio Grande do Norte que percebemos a forte presença dos cordelistas. Com seus folhetos eles procuram não só documentar as personagens e os fatos e mais importantes ocorridos no período, mas interferir na escolha política. Tais produções estavam cheias de ideologias e simpatias políticas, influência da Igreja ou de lideranças

²¹ BATISTA, Sebastião Nunes. *Antologia da Literatura de cordel*. p. 275-276.

políticas tradicionais, de interesse pelas questões trabalhistas, ou impulsionados pelo paternalismo populista.

CAPÍTULO II

O RIO GRANDE DO NORTE NO CONTEXTO POPULISTA

O período que se inicia com o fim do Estado Novo e que duraria até o golpe militar de 1964 foi marcado por pequenas mudanças sociais e por uma lenta evolução da economia potiguar, resultado do pouco incentivo à indústria e de um lento melhoramento da economia rural. Apenas o setor de serviços teve algum crescimento mais significativo, estando concentrado nas principais cidades do estado. Por outro lado, mudanças culturais importantes ocorreram. Uma forte cultura de massa se consolidava através da difusão do cinema e do rádio, e no final da década de 1950 a televisão chegava aos lares potiguares.

O momento seria também marcado por uma forte mobilização política da população, cuja manifestação se deu em diferentes eleições para cargos executivos e legislativos. Observa-se, assim, a emergência de políticos de perfil de esquerda na política estadual, como o ex-prefeito de Natal, Djalma Maranhão, mas, sobretudo, de lideranças populistas, que procuravam comover o emergente eleitorado. Os conservadores recebiam apoio de setores retrógrados da Igreja Católica, temendo o aumento da mobilização popular, sobretudo, no campo.

O LENTO CRESCIMENTO DA ECONOMIA ESTADUAL

No campo, o crescimento da economia rural foi inexpressivo, tendo em vista a dependência das atividades praticadas em relação às condições climáticas e também pela ausência de grandes investimentos para a modernização desse setor. Assim, ainda predominava a lavoura de subsistência e o latifúndio era mantido, obrigando o homem do campo a trabalhar a terra alheia em troca do mínimo para sua sobrevivência ou através do sistema de parceria, no qual poderia cultivar um pedaço de terra na propriedade de outrem, desde que lhe entregasse parte da produção ou lhe pagasse em horas de trabalho. Todos esses fatores contribuíram para o atraso do setor agrícola.

Na indústria também houve um grande atraso e uma certa insignificância na produção em relação ao Sudeste brasileiro. Aqui, o que predominava era a transformação **primária** de matérias-primas locais, como a indústria de produtos alimentícios (sobretudo padarias) e a de extração de sal marinho. (ver a tabela seguinte)

TABELA 1 A EVOLUÇÃO INDUSTRIAL – 1940/60 INDÚSTRIAS EXTRATIVAS E DE TRANSFORMAÇÕES

| ANO | Nº DE ESTABELECIMENTOS | Nº DE OPERÁRIOS |
|------|------------------------|-----------------|
| 1940 | 453 | 2.753 |
| 1950 | 1.042 | 5.723 |
| 1960 | 1.161 | 9.993 |

Fonte: Edgar Carone. A República Velha apud MARIZ e SUASSUNA. História do Rio Grande do Norte. p.90

Por essa tabela, podemos notar que o número de estabelecimentos industriais e de operários mais que dobrou da década de 1940 para a de 1950, num crescimento anormal para os padrões do estado naquele período. Isso certamente aconteceu devido à permanência de parte das forças armadas americanas em Natal durante a Segunda Guerra Mundial, o que ocasionou um crescimento da população e, conseqüentemente, de nossa indústria.

Quanto à distribuição da população do Rio Grande do Norte, podemos dizer que era predominantemente rural, a qual, porém, foi diminuindo lentamente, conforme a tabela seguinte. Assim, foi o êxodo rural que se intensificou no período, o responsável pelo crescimento populacional das cidades e diminuição da população rural.

TABELA 2 – Censo demográfico do Rio Grande do Norte de 1940 a 1960

| Censo Demográfico do Rio Grande do Norte de 1940 a 1960 | | | | | |
|--|-----------|---------|------|---------|------|
| ANOS | POPULAÇÃO | URBANA | % | RURAL | % |
| 1940 | 768.018 | 164.248 | 21,4 | 603.770 | 76,6 |
| 1950 | 967.348 | 253.765 | 26,2 | 714.156 | 73,8 |
| 1960 | 1.140.823 | 427.543 | 37,5 | 713.280 | 62,5 |

Fonte: IBGE – Censo demográfico de 1970/IDEC apud MARIZ E SUASSUNA, Op.cit. p.99

Sobre a predominância da população rural Mariz e Suassuna nos dizem:



No que se refere à configuração social, a população rural é ainda mais numerosa... e caracteriza-se por um baixo nível de vida em relação aos demais estratos da sociedade, o que resulta numa situação de marginalização, que a coloca à parte da sociedade moderna, em termos de participação e debate de seus problemas.²²

A situação de penúria em que se encontrava essa população devia-se ao abandono dos poderes públicos e à exploração que a mesma sofria por parte dos latifundiários. Sua migração para a zona urbana, na maioria das vezes, não melhorava sua situação, pois o descaso das autoridades municipais deixou tais populações sujeitas à violência e à fome. Esses pobres do campo eram marginalizados, tendo que ficar nas periferias das cidades, formando verdadeiros guetos, onde a sobrevivência era bastante difícil.

Quanto às taxas de analfabetismo, podemos ver que eram altíssimas. A Tabela 3 mostra que os analfabetos eram a maioria da população do Rio Grande do Norte durante todo o período de 1950 a 1970. Mesmo que o número percentual deles tenha diminuído com o passar do tempo, os números absolutos são crescentes e assustadores, mostrando a face de um estado realmente atrasado.

TABELA 3 – Número de analfabetos de acordo com os censos de 1950 a 1970

| NÚMERO DE ANALFABETOS DE ACORDO COM OS CENSOS DE 1950 A 1970 | | | |
|--|-----------|-------------------|-------------|
| ANO | POPULAÇÃO | Nº DE ANALFABETOS | PORCENTAGEM |
| 1950 | 800.538 | 577.606 | 72,15% |
| 1960 | 1.140.823 | 735.261 | 64,45% |
| 1970 | 1.287.455 | 771.107 | 59,89% |

Fonte: IBGE Censos demográficos de 1950, 1960 e 1970

Todos esses dados nos dão uma visão geral de como era o Rio Grande do Norte e como vivia a população humilde da época. A partir daí podemos perceber que com uma taxa de analfabetismo tão grande, pobreza generalizada (no campo e na cidade) e o isolamento das populações rurais caracterizando uma verdadeira estagnação econômica e social, a literatura de cordel tinha tudo para alcançar grande êxito, já que esta estava

²² MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo B. *História do Rio Grande do Norte contemporâneo* (1934-1990). Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001. p. 99.

atrelada às estruturas agrárias e, além de tudo, ainda havia a falta de outros divertimentos. Os meios de comunicação de massa como o rádio, apesar de ter chegado ao nosso estado na década de 1940, não era de fácil acesso para todos. Por isso, era comum a reunião de várias pessoas para ouvir a leitura de folhetos.

A POLÍTICA POPULISTA NO ESTADO

O cenário político tanto local quanto nacional foi muito movimentado no período de 1945 a 1964. Começa justamente com o fim da Segunda Guerra Mundial e da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas. Apesar do fim do Estado Novo, a presença ou a própria imagem de Vargas continuaria influenciando a política por pelo menos mais duas décadas.

Em 1945, Vargas foi deposto, sendo substituído interinamente por José Linhares, ministro do Supremo Tribunal, até 31 de janeiro de 1946, quando transmitiu o cargo ao novo presidente da República eleito por voto direto, Eurico Gaspar Dutra. Dutra, candidato pelo PSD (Partido Social Democrático), obteve 55% dos votos graças ao apoio do presidente deposto.

Durante o Estado Novo, os estados brasileiros eram governados por interventores indicados pelo próprio Vargas. Na época de sua deposição, o Rio Grande do Norte estava sob a interventoria de José Georgino Alves Avelino, que organizou o PSD em nosso estado.

Com o fim da ditadura varguista, o país que há anos não tinha eleições diretas, voltou ao sistema pluripartidário. Isso fez com que as forças políticas se aglutinassem de acordo com seus interesses, organizando vários partidos como o PSD (Partido Social Democrático), PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PSP (Partido Social Progressista), UDN (União Democrática Nacional) e o PCB (Partido Comunista Brasileiro), que volta à legalidade. Em nosso estado:

O PSD era chefiado por Georgino Avelino, membro da executiva nacional – [...] A UDN representava a oposição liderada por José Augusto, Bezerra de Medeiros e Dinarte Mariz. O PSP era liderado por João Café Filho e o PTB era dirigido pelo industrial Clóvis Mota. Os resultados das primeiras eleições dessa nova fase, confirmaram o PSD, UDN e PSP como partidos mais expressivos da preferência eleitoral, tendo em vista suas lideranças.²³

²³ MARIZ e SUASSUNA. *História do Rio Grande do Norte contemporâneo*. p. 72.

Na eleição de 1945 para a assembléia constituinte, o PSD conseguiu eleger os dois senadores e a maioria dos deputados federais e estaduais, além de José Augusto Varela para o cargo de governador do estado.

A emergente participação popular na política do período favoreceu ao aparecimento de um fenômeno político novo no país: o populismo. É possível encontrar suas origens ainda no Estado Novo, quando o próprio Getúlio Vargas procurou estabelecer uma aproximação maior sobre o meio trabalhista, que resultou numa profunda simpatia popular pelo ditador.

Mariz e Suassuna procuraram assinalar como o populismo, fenômeno profundamente marcante nos grandes centros urbanos, se adequou à política do Rio Grande do Norte, um estado ainda fortemente rural, marcado pelo domínio dos coronéis:

O populismo é o modelo político característico dessa fase, anos 40/50, que sugere aliança entre o poder e as classes sociais. Bastante vinculado à intensificação do processo capitalista. Embora esteja diretamente ligado à estrutura social urbana, o populismo se apresenta também na zona rural para os que não são proprietários e parece ser a tática ideal para a adequação do contexto coronelista às circunstâncias da nova conjuntura.²⁴

Complementando essa informação, citamos Trindade e Albuquerque, que apresentam uma opinião não muito diferente sobre o populismo:

O populismo foi um fenômeno tipicamente urbano, caracterizado pela transição de uma sociedade rural para a sociedade urbana e industrial. Os líderes políticos populistas aliciavam e manipulavam as massas populares urbanas, que eram convocadas a participar do processo político, sempre submetidas ao governo. [...] os comícios e os meios de comunicação de massa (na época o rádio) eram utilizados com habilidade pelos populistas para manipular a massa. A demagogia era utilizada largamente; os discursos elaborados e alterados, de acordo com o público. Como candidatos eram grandes reformadores; quando vitoriosos e empossados, adequavam o discurso à realidade do poder.²⁵

²⁴ Idem, Ibidem. 75.

²⁵ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra; ALBUQUERQUE, Geraldo José. **Subsídios para a história do Rio Grande do Norte**. Natal(RN): Departamento Estadual de Imprensa, 2001. p. 127.

Apesar de alguns estudiosos situarem o populismo no período de 1940/50, ele ultrapassa esse tempo e chega até meados dos anos 1960, principalmente no Rio Grande do Norte, onde vemos as práticas populistas voltarem com força total nas campanhas para as eleições de 1960/65. Entre os políticos populistas do estado estavam nomes como o ex-Ministro do Trabalho e depois Presidente da República, João Café Filho. Foi Café Filho um dos iniciadores do populismo no estado, com seu discurso anti-oligárquico. Foi ele também o chefe do Partido Social Progressista (PSP), fundado por Ademar de Barros em São Paulo²⁶.

Outros grandes populistas potiguares foram Dinarte Mariz e Aluízio Alves que praticamente encantaram todo o Rio Grande do Norte com seus discursos inflamados, atacando as oligarquias que estavam no poder, enquanto estabeleciam e fortaleciam sua própria liderança, criando novas oligarquias.

Durante o populismo, os folhetistas souberam explorar a paixão das camadas populares pelos líderes carismáticos, pois o que escreviam sobre eles tinha venda certa, por isso novos leitores de cordéis surgiam fortalecendo a literatura de cordel na zona urbana.

Quanto ao uso do rádio pelos populistas, esse fenômeno vai acontecer em meados dos anos 1950, pois apesar da primeira emissora de rádio do Rio Grande do Norte ter sido inaugurada em 1941 (REN – Rádio Educadora de Natal), os políticos potiguares só mais tarde despertaram para o poder massificador do rádio.

Num primeiro momento, o instrumento de convencimento político mais usado foi a imprensa escrita. Por isso no período de 1945/50, no nosso estado, pelo menos dois jornais impressos foram fundados com fins eleitorais; o primeiro deles foi:

“O Democrata” fundado em 1945 para fazer a propaganda da candidatura do General Eurico Gaspar Dutra à presidência da República, empenhou-se em batalhas memoráveis na defesa dos postulados do seu partido, notadamente aquela que culminou com a vitória do Dr. José Augusto Varela ao governo do Estado.²⁷

O segundo foi a Tribuna do Norte, fundada por Aluízio Alves. Na época de sua fundação, apoiava o Brigadeiro Eduardo Gomes que candidatou-se a presidente da República em 1950.

²⁶ MARIZ, SUASSUNA. *História do Rio Grande do Norte contemporâneo*. p.71

²⁷ MELO, Manoel Rodrigues. *Dicionário da imprensa do Rio Grande do Norte, 1909-1987*. Natal: Fundação José Augusto. São Paulo: Cortez Editora, 1987. p. 117.

Em 1951 houve eleição para presidente da República e para governador do estado. Foram eleitos: para presidente, Getúlio Vargas, tendo como vice João Café Filho. Vargas não teve dificuldade em reeleger-se, ganhando com grande número de votos para a época (3.849.000 votos, sendo que os analfabetos ainda não votavam). O expressivo número obtido por Vargas em todo o país demonstrava o quanto ele era realmente querido por grande parte da população brasileira. A predileção por Getúlio na época dessa eleição esteve bem explícita em dezenas de folhetos, alguns dos quais analisaremos mais adiante.

Enquanto isso, o rádio foi se expandindo mais no Rio Grande do Norte, com o surgimento em 1954 de duas novas emissoras de rádio, uma delas foi a Rádio Nordeste fundada pelo então senador Dinarte Mariz e a outra, a Rádio Cabugi fundada pelo também senador Georgino Avelino. Era certo que ambos visavam usar suas emissoras para convencer os eleitores a votarem neles ou em seus candidatos na eleição do ano seguinte. Não foi por coincidência que Dinarte Mariz se candidatou em 1955, conseguindo se eleger também graças ao seu carisma, mas, sobretudo, pela importância eleitoral obtida com o controle sobre esses meios de comunicação. Já no regime militar, o Rio Grande do Norte ganharia mais uma emissora de rádio, a Cabugi, fundada pelo Senador Georgino Avelino.

Após 1945, surgiu no Nordeste um movimento muito bem organizado para lutar pela reforma fundiária no Brasil. Tratava-se das Ligas Camponesas que, segundo Trindade:

Refletiam a necessidade do PCB ampliar as suas bases políticas para além das fronteiras urbanas e concretizar a idéia de uma aliança operária-camponesa para se contrapor ao latifúndio e ao imperialismo.²⁸

As ligas foram fundadas em quase todos os estados brasileiros, conseguindo reunir dezenas de milhares de camponeses. No Rio Grande do Norte elas também surgiram. Só que além de enfrentarem a oposição dos grandes proprietários de terras, também enfrentaram a reação da Igreja Católica que temendo perder sua força junto aos trabalhadores rurais, organizou sindicatos rurais para se posicionar contra o comunismo e também exigir uma reforma da estrutura capitalista. Sérgio Trindade nos mostra na citação seguinte o quanto a Igreja conseguiu se expandir nessa área.

²⁸ TRINDADE, Sérgio Bezerra. **Aluízio Alves: Populismo e Modernização do Rio Grande do Norte**. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2004.p.142.

Quando do golpe desfechado pelos militares em 1964 a Igreja havia criado 66 sindicatos rurais no Rio Grande do Norte, disputando espaço com as ligas Camponesas de Francisco Julião e com a ULTAR, de orientação comunista.²⁹

Esses setores progressistas da Igreja Católica também fizeram uso do rádio como instrumento de comunicação de massa. Em 1964, Dom Eugênio Sales criou a Emissora de Educação Rural. Diferente das outras rádios, a emissora visava evangelizar o homem do campo, também foi usada para alfabetizar e para ensinar técnicas agrícolas e noções de higiene. Entretanto, também fazia um trabalho de conscientização política religiosa junto aos camponeses. Graças a essa ação, a emissora de Educação Rural foi perseguida durante o governo militar, ficando até oito dias fora do ar em 1964.³⁰

Em 1956, devido ao apoio à candidatura de Dinarte Mariz, Djalma Maranhão foi escolhido por este para ser prefeito de Natal, cargo que ocupou até 1959, quando rompeu com o governo para apoiar a candidatura de Aluizio Alves ao governo do estado. No ano seguinte, houve um período de grande agitação durante a campanha eleitoral para senador e deputados, ocorrida no início de 1958. Nesse ano, os excessos foram tantos que a imprensa nacional notificou a violência que aconteceu no Rio Grande do Norte durante o processo eleitoral. Por motivos políticos, três pessoas foram mortas em Campo Redondo, distrito de Santa Cruz. Tal fato chegou a ser registrado por um cordelista no período:

Em mil novecentos e sessenta
A tirania vamos derrubar
Pois o povo já não agüenta
Horror e sangue suportar.³¹

Talvez tenha sido a essa situação que o desembargador João Maria Furtado se referiu em seu discurso de posse como presidente do Tribunal de Justiça em 1958, quando disse:

O que vemos é o choque dos egoísmos mais vorazes nas competições de poder, vicejantes entre a espantosa miséria das massas e o deslumbrante fausto dos

²⁹ TRINDADE, Sérgio Bezerra. Op. Cit. p.141.

³⁰ LIMA, José Ayrton de. *Ideologia política no rádio norte-riograndense*. Natal: Coojornat. 1985. P.87.

³¹ ARAUJO, Luiz Maximiano. Os dois, um criminoso e o outro, valentão. 1957. p.1. In: BEZERRA, Lauro Gonçalves. *Majó Theodorico: o imperador do Sertão*. Natal, RN: Gráfica e Editora, 1982. p.130.

negocistas de todos os matizes. As nossas classes dirigentes, afora um restrito agrupamento minoritário, ávidos de enriquecimento rápido e de lucro fácil são totalmente desprovidos de espírito público. [...] os políticos parecem saltar das ficções de filme americano de gangsters para atuar ao vivo entre nós.³²

Ainda em 1958 aconteceu uma grande seca no Rio Grande do Norte e em vários estados do Nordeste. Para sanar os problemas regionais, o então presidente da República, Juscelino Kubstchek, criou o GTDN (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste) que originou a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), órgão responsável por um programa voltado para o desenvolvimento do Nordeste. Enquanto isso, no cenário nacional:

o país vive um novo momento, onde surgem as massas populares urbanas, que vão ser utilizadas por lideranças identificadas como desenvolvimentistas e modernizadas, que embora vinculadas a setores oligárquicos, apresentavam como propostas o rompimento com as práticas tradicionais de fazer política e de exercer o poder. Tais lideranças, representantes dos interesses da industrialização, conseqüentemente da burguesia, buscam soluções para os graves problemas regionais.³³

A CAMPANHA PARA GOVERNO DO ESTADO EM 1960

A campanha eleitoral de 1960 apresentou-se como um momento político mais importante do período, caracterizando o ápice do populismo no Rio Grande do Norte quando o candidato ao governo do estado, Aluizio Alves, conseguiu despertar em seus eleitores um fervor que beirava ao fanatismo. Podemos constatar esse fato nas palavras de José Ayrton Lima que presenciou e participou ativamente da movimentação política daquela época:

A campanha de 1960 foi a mais radical e a mais apaixonada já existente em toda a história política do Rio Grande do Norte [...] À medida em que a política se desenvolvia era criado em todo o estado um clima de guerra, onde a desavença

³² Apud GOÉS, Moacyr. **De pé no chão também se aprende a ler.** (1961-64) Uma escola democrática Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980. p. 22.

³³ MARIZ e SUASSUNA. **História do Rio Grande do Norte contemporâneo (1934-1990)**. p.80.

passou a existir na hora em que as pessoas decidiam em quem iam votar. Neste período pais passaram a brigar com os filhos e foram registradas grandes brigas entre os familiares.³⁴

Aluizio Alves desde 1955 já almejava a governadoria e para isso foi se articulando junto a UDN, porém Dinarte Mariz, líder da UDN no Rio Grande do Norte e também governador do Estado, indicou Djalma Marinho para sucedê-lo. Aluizio Alves inconformado com essa escolha, candidatou-se por uma ala dissidente da UDN, apoiado pelo PSD que apesar de já ter como candidato a governador Theodorico Bezerra, convenceu-o a retirar sua candidatura e apoiar Aluizio, certamente em troca do apoio deste na próxima eleição para governador em 1965.

Naquele período, Aluizio Alves apresentava semanalmente pela rádio Nordeste um programa intitulado “Conversa com o povo”, então, como rompeu com Dinarte Mariz (que era dono da Rádio Nordeste), teve que apresentar seu programa em outra rádio, escolheu a Poty. Para empolgar os eleitores passou a anunciar-se como um salvador da pátria, o candidato das esperanças, falava contra as oligarquias e dizia-se o único que se preocupava com os pobres. Procurou utilizar-se do marketing político fazendo uso da cor verde como símbolo de sua campanha e jingles eleitorais que falavam de esperança. Aluizio Alves fez acordos com vários antigos inimigos políticos, conseguindo juntar o PSD, PTN, PTB, PDC e parte da UDN num bloco sob a denominação de Cruzada da Esperança. Terminou vencendo Djalma Marinho com uma maioria de 24 mil 378 votos.

Nesse ano, também houve eleição para presidente da República e para prefeitos dos municípios. Para presidente foi eleito Jânio Quadros e para vice-presidente João Goulart. Para prefeito de Natal foi eleito Djalma Maranhão, e para vice-prefeito Luiz Gonzaga.

Ainda no início da década de 1960, as elites começaram a se interessar mais pelo cordel principalmente após o trabalho de pesquisa e divulgação que o professor Raymond Cantel fez da literatura de cordel junto à classe média e aos intelectuais não nordestinos no eixo Rio-São Paulo.³⁵ A partir daí, a literatura de cordel passou a ser tema de vários trabalhos, objeto de estudo de monografias, teses de mestrado e doutorado em várias áreas, como Lingüística, Sociologia, Antropologia e História. O cordel também se tornou fonte de

³⁴ LIMA, José Ayrton. . **A História das campanhas populares no Rio Grande do Norte**. Natal: Cooperativas dos jornalistas de Natal, 1987. p. 97.

³⁵ CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. p. 20.

inspiração para o Cinema, Teatro, Música e Literatura. Os folhetistas por sua vez também se influenciaram por elementos da modernidade e da cultura de massas, como o rádio e o cinema. Chegando a usar, nas capas dos folhetos, fotos das mocinhas e heróis dos filmes americanos.

Em 1961, o prefeito Djalma Maranhão implantou em Natal um formidável programa contra o analfabetismo, foi o “De pé no chão também se aprende a ler” que com poucos recursos visava alfabetizar milhares de pessoas carentes. Isso, de uma certa maneira, ajudou a difundir a literatura de cordel em nosso estado, porque o folheto foi utilizado como um de seus instrumentos alfabetizadores, fazendo com que possivelmente os estudantes tomassem gosto por esse tipo de leitura. E como aumentou o número de alfabetizados, também aumentou o número de possíveis leitores. Outra boa contribuição que Djalma Maranhão deu para o cordel foi a publicação de folhetos através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura³⁶.

O uso do cordel como instrumento alfabetizador foi constatado por meio de pesquisas, conforme afirma Galvão:

Muitos estudos realizados sobre literatura de cordel no Brasil apontam o papel dos folhetos na alfabetização de um significativo número de pessoas, principalmente na época de seu apogeu [...] O papel do folheto como instrumento de aprendizagem inicial da leitura e da escrita parece ter se estendido, pelo menos em alguns locais, até épocas mais recentes.³⁷

Ainda no ano de 1961, o cenário político nacional foi especialmente conturbado, de início pelas excentricidades do presidente Jânio Quadros que além de regulamentar o tamanho do maiô das misses, proibir o uso de biquínis nas praias, impedir a realização de corridas de cavalo em dias úteis, ainda fez homenagens a Che Guevara, defendeu verbalmente Cuba, reatou relações diplomáticas com países do Leste Europeu, apoiou o ingresso da China Popular na ONU (tudo isso durante a Guerra Fria). Essa política externa fez com que as forças políticas conservadoras brasileiras representantes dos interesses do capital estrangeiro aplicado no Brasil reprovassem cada vez mais seu governo. A grande pressão que enfrentava resultou em sua renúncia no dia 25 de agosto de 1961.

³⁶ GÓES, Moacir. **De pé no chão também se aprende a ler.** (1961-64) uma escola democrática. p. 103.

³⁷ GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **Cordel, leitores e ouvintes.** p. 185.

Apesar da oposição de boa parte das forças armadas e até de parte da sociedade civil, João Goulart, também conhecido como Jango, tomou posse em setembro de 1961. Como temiam que Jango fosse tomar atitudes comunistas, foi implantado o regime parlamentarista no Brasil, quadro que foi revertido em 1963 através de um plebiscito popular.

Durante esse ano, aconteceram eleições para duas vagas no senado, ganhando Walfredo Gurgel pelo PSD e Dinarte Mariz pela UDN. Também foram eleitos deputados estaduais e federais, sendo que a maioria deles foi eleita através do apoio de Aluizio Alves que assim demonstrou o seu poder político.

Enquanto isso no cenário nacional, João Goulart tenta fazer um governo de conciliação entre as forças de esquerdas e de direita e entre as classes populares e as elites dominantes. Ele tenta implementar as suas reformas de base que atingiram as áreas eleitoral, administrativa, tributária, urbana, bancária, cambial, universitária e agrária. Porém, a simples menção a essas reformas assustou as elites econômicas e a direita política que, patrocinadas pelo capital estrangeiro e ação de partes conservadoras das forças armadas, implementaram o golpe militar em 31 de março de 1964. Esse golpe não mudou imediatamente a política do nosso estado, pois em 1965 ainda houve eleição direta para governador.

A movimentação política em 1964 para a eleição de 65 foi tão agitada quanto a campanha eleitoral de 1960. Aluizio Alves indicou o Monsenhor Walfredo Gurgel para o seu sucessor no governo. Este teve que disputar com Dinarte Mariz que apesar de se empenhar muito na campanha não conseguiu se eleger. Mais uma vez Aluizio Alves levou a melhor, pois além de eleger seu sucessor, ainda elegeu seu irmão Agnelo Alves como prefeito de Natal.

Quanto à reação das forças políticas potiguares ao golpe militar de 1964, praticamente não aconteceu, pois:

A deposição de João Goulart foi apoiada por nossas principais lideranças políticas, excetuando-se o prefeito Djalma Maranhão. Aluizio Alves e Dinarte Mariz apoiaram incondicionalmente o movimento militar que derrubou o presidente da República.³⁸

³⁸ TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra; ALBUQUERQUE, Geraldo José. . **Subsídios para a história do Rio Grande do Norte**. Natal(RN): Departamento Estadual de Imprensa, 2001. p. 46

Quando Aluizio Alves escolheu o Monsenhor Walfredo Gurgel para ser seu sucessor certamente feriu os brios de Theodorico Bezerra (líder do PSD) que, na eleição anterior para governador, havia retirado sua candidatura em prol da de Aluizio Alves sob a promessa de que na eleição de 1965 seria apoiado por ele na disputa por esse cargo. Por esse motivo, nesse ano, Firmino Estevam de Souza escreveu o folheto “O que Judas fez com Cristo fizeram com Theodorico”³⁹, no qual em seus versos fala sobre esse acordo e a posterior quebra do mesmo. Apesar dessas lamúrias, Aluizio Alves trabalhou intensamente para elegê-lo senador em 1962, porém, o máximo que conseguiu foi fazê-lo deputado estadual nesse mesmo ano.

É com base nesses fatos e em depoimentos de pessoas que viveram naquela época que podemos observar a falta de ideologia e a maneira descomprometida com que se fazia política no período em questão. A esse respeito, escreveu o jornalista José Ayrton de Lima:

[...] Estes grupos políticos não têm uma ideologia permanente. Eles encontram-se sem que um reboço, fazendo acordos, traçando linhas partidárias com objetivo de que nas eleições seguintes venham ocupar os mesmos espaços dentro do quadro político estadual.⁴⁰

Apesar de não fazer parte deste trabalho comparar a época estudada com a atualidade, diante dessas palavras é impossível não percebermos que apesar de ter passado tanto tempo e de muitos políticos terem saído de cena e de novos terem surgido, pouca coisa mudou na mentalidade e no *modus operandi* do político brasileiro, especialmente do potiguar.



³⁹ SOUZA, Firmino Estevam . O que Judas fez com Cristo fizeram com Theodorico In: BEZERRA, Lauro Gonçalves. **Majó Theodorico: O imperador do sertão**. Natal: RN Gráfica e Editora, 1982. p. 203.

⁴⁰ LIMA, José Ayrton. . **Ideologia política no rádio norte-riograndense**. Natal: Coojornat. 1985. p. 149.

CAPÍTULO III

OS FOLHETOS POPULARES NO CONTEXTO POPULISTA POTIGUAR

Entre as décadas de 1950 e 1970 muitos cordéis de cunho político tecem espontaneamente críticas ou louvores a determinadas figuras políticas, enquanto outros, claramente feitos sob encomenda para falar bem de políticos fazem propaganda eleitoral ou apenas, nos casos dos já eleitos, enaltecem suas gestões. Na verdade, esse artifício era bastante usado por muitos candidatos, pois era um modo deles dizerem que eram pessoas simples, “do povo”, já que gostavam das mesmas coisas. E também era uma maneira de se comunicar com as camadas populares, pois os cordéis de propaganda eleitoral usavam a mesma linguagem que era usada em outros tipos de cordéis. No entanto, provavelmente eles também apreciavam a literatura de cordel, uma vez que, na conjuntura populista, não havia para muitos segmentos dominantes um distanciamento muito grande entre eles e as camadas populares, principalmente na zona rural. Certamente os filhos dos grandes proprietários de terras ainda iam estudar nas grandes cidades e adquiriam um verniz de cultura erudita, mas aqueles que ingressavam na política não podiam se afastar totalmente das camadas populares e de sua cultura.

Podemos enxergar nesse fenômeno uma troca de elementos entre a cultura popular e a cultura erudita, principalmente por que a literatura de cordel, que é considerada popular, passou a utilizar elementos da cultura erudita. Assim, algumas histórias escritas por eruditos foram apropriadas por cordelistas, fazendo delas outras versões. O inverso também podia ser observado. Um exemplo é o folheto “O Dinheiro”, escrito por Leandro Gomes de Barros, que foi adaptado por Ariano Suassuna em sua peça premiada “Auto da Compadecida”.⁴¹ Essas relações entre o erudito e o popular foram melhor caracterizadas através do conceito de circularidade cultural proposto por Carlo Ginzburg, pois segundo ele não existe um total isolamento entre as duas culturas, já que: “A cultura popular se define pelas relações que mantém com a cultura dominante, filtrada pelas classes subalternas (enquanto que) a cultura letrada filtra a sua moda os elementos da cultura popular”.⁴²

⁴¹ CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. p.56.

⁴² CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs) **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 152.

Assim, é possível compreender uma singularidade da relação dos cordéis com a cultura erudita e as formas de cultura de massa no contexto pós-1945 no Rio Grande do Norte. É nesse contexto marcado pela abertura democrática e uma maior presença popular na política nacional, da ascensão das lideranças populistas e de propagação da cultura de massa, sobretudo através do cinema, do rádio e, nos anos 1950, da televisão, que os cordéis assumem uma característica bastante peculiar, voltando-se fortemente para as temáticas da política cotidiana local e nacional.

Um dos aspectos que marcou a política do contexto pós-1945 foi a forte influência do getulismo no âmbito popular. O folheto “Descrição de todos os presidentes do Brasil desde 1889 a 1951: só Getúlio e outro não”, de Pedro Porfírio, fez parte de um fenômeno que aconteceu dentro da literatura de cordel, que foi a grande exploração do nome de Getúlio Vargas como personagem de folhetos. Isso se dava porque o presidente em questão tinha uma forte empatia com as camadas populares e, como um cordel que versasse sobre Getúlio Vargas tinha venda certa, era natural que os folhetistas escrevessem sobre ele. Porém não podemos dizer que muitos desses poetas não admiravam realmente ao presidente Vargas, como acontecia com boa parte da população brasileira. De qualquer maneira, esse tema foi tão explorado pelos folhetistas que acabou originando um ciclo de folhetos apenas dedicados a esse político. Os cordelistas potiguares também não ficaram imunes ao carisma do grande líder populista e escreveram cordéis sobre ele.

Pedro Porfírio fez nesse folheto uma comparação entre Getúlio Vargas e todos os outros presidentes da República, desde sua implantação no Brasil até 1951, ano em que Getúlio reassumiu o governo federal. Para o autor, Vargas foi até então o nosso melhor presidente, não aceitando outro em seu lugar. Apesar disso não falou mal de nenhum presidente, chegando até a enumerar seus feitos, para ele, todos foram bons, apenas Getúlio foi melhor:

... ‘Assomiu’ Afonso Pena
 A mim ninguém reprove
 Fez bem o que lhe convinha
 Aumentou a Marinha
 Desenvolveu a aviação...⁴³

⁴³ PORFÍRIO, Pedro. *Descrição de todos os Presidentes do Brasil desde 1889 a 1951*. Só Getúlio e outro não. Natal: Tipografia São Luiz, 1951. p. 02.

No mesmo folheto escrito em décimas, relatou aquilo que era considerado os benefícios do governo de Getúlio:

“Quinze” anos o Brasil
 Aumentou o seu civismo
 Clareando industrializou-se
 Abateu o banditismo
 Ofertando seus feitos
 Garantindo os direitos
 A toda população
 Que vivia alegremente
 Porque para presidente
 Só Getúlio e outro não.”⁴⁴

Três décimas depois ele mostra sua satisfação com a volta de Getúlio:

“Desde Quarenta e cinco
 Até o ano Cinqüenta
 O Brasil mergulhou
 Dentro d’água barrenta,
 Porém como não é comum
 Veio cinqüenta e um
 Quis Deus fazer essa união
 Do Brasil com sua gente
 Porque para presidente
 Só Getúlio e outro não.”⁴⁵

Quanto à política local, os cordelistas também manifestaram seus contentamentos com algumas lideranças do estado. Um nome importante da política norte-rio-grandense, lembrado nas narrativas populares, foi o do major Theodorico Bezerra. Sua grande influência estava não apenas nos cargos para os quais foi eleito, como deputado estadual, deputado federal e até vice-governador, mas na relação estabelecida com o seu eleitorado.

Em 1952, nas eleições para prefeitos e vereadores, ele aparece como candidato à prefeitura da cidade de São Tomé (RN). Apesar de ser natural de Santa Cruz (RN) e comandar a política dessa localidade, sempre conseguindo eleger seus candidatos a prefeito,

⁴⁴ PORFÍRIO, Pedro. Op. Cit. p.05.

⁴⁵Idem, ibidem, p.05.

Theodorico Bezerra procurou ampliar sua área de atuação candidatando-se a prefeito de São Tomé. Nessa época, serviu-se da *Literatura de Cordel* para fazer propaganda de sua candidatura, encomendou ao cordelista José do Sertão um folheto que enaltecesse seus feitos e convencesse a população de São Tomé a votar nele. Esse folheto tinha versos como estes:

“O major teodorico
 Candidatou-se a prefeito
 O leitor deve atender
 Aquele homem de respeito
 Que trabalha a bem de todos
 Pra ver se a coisa tem “geito”⁴⁶

Porém, mesmo usando essa e outras artimanhas, pois “os adversários acusavam o major de que estaria transferindo em massa eleitores de Santa Cruz para São Tomé”⁴⁷, dessa vez ele não conseguiu se eleger.

Em 1954, aconteceram eleições para o senado, sendo eleitos pelo Rio Grande do Norte, Georgino Avelino (PSD) e Dinarte Mariz (UDN) que se juntaram em chapa única, deixando de lado as rivalidades, em prol de seus interesses.

Em “Luiz de Barros não promete, realiza”, Alceu Vasconcelos inicia seu folheto chamando a atenção para o fato comum no período de que alguns políticos já tinham o hábito de fazer promessas vãs nunca realizadas, mas que também os eleitores já haviam constatado esse fato, senão o autor não se referiria a ele tão sutilmente. Esse folheto tem 192 versos divididos em 32 estrofes no formato de sextilhas. Nele, o autor elogiava o caráter e a sinceridade do candidato. Porém apesar de afirmar em três sextilhas diferentes (na terceira, quarta e quinta estrofes) que Luiz de Barros teve um passado brilhante, o autor não conseguiu citar nenhum feito de destaque do mesmo.

Outro artifício usado na maioria dos folhetos de propaganda era o apelo à religiosidade do eleitor. O próprio Luiz de Barros se declarava protegido por Deus e sentenciava que aquele que não votasse nele para deputado estadual receberia um castigo divino. Embora isso não significasse que os eleitores acreditassem realmente que seriam castigados por Deus caso não votassem em qualquer um dos candidatos, podemos perceber

⁴⁶ SERTÃO, José do. Sem título. In: BEZERRA, Lauro Gonçalves. **Majó Theodorico: O imperador do sertão.** p.89.

⁴⁷ BEZERRA, Lauro Gonçalves, **Majó Theodorico: O imperador do sertão.** p. 86.

que a Igreja naquela época ainda tinha bastante força sobre o eleitorado. O temor desse eleitorado estaria muito mais na possibilidade de que a Igreja o excluísse de seu convívio. Por isso, era muito importante para os próprios candidatos afirmarem nas suas qualidades pessoais o fato de serem bons cristãos.

Demonstrar ao eleitor as boas qualidades do candidato tornou-se uma condição fundamental no processo eleitoral. No mesmo folheto feito para o candidato Luiz de Barros, Vasconcelos procurou sensibilizar o eleitor sobre a escolha eleitoral:

“É verdade que o povo
Já vive desenganado
Mas precisamos saber,
Que ‘inda’ existe homem honrado
É como Luiz de Barros
Que tem feito e tem provado.”⁴⁸

Esses versos mostram que a corrupção política era perceptível para a população, a ponto do cordelista se preocupar em estar sempre enaltecendo a honestidade daqueles candidatos que fugiam a esta regra. Outro item que aparece é a pouquíssima importância atribuída aos partidos políticos aos quais os candidatos eram filiados, ou seja, a maioria dos potiguares daquela época votava na pessoa do candidato e não no partido ao qual ele pertencia. Para comprovar esse fato, basta dizer que nenhum dos autores mencionou o partido dos políticos citados. Um dos motivos para isso talvez seja o fato de que a maioria dos partidos não defendia uma ideologia consistente ou propostas sociais realmente transformadoras; eram enfatizadas apenas as ações assistencialistas e populistas. Assim, os partidos eram apenas usados como instrumentos para atingir os interesses políticos e financeiros de seus membros. Um exemplo claro dessa situação aconteceu em 1960 quando Aluizio Alves, que fazia parte da UDN (União Democrática Nacional), lançou-se candidato a governador contra a vontade da maioria dos membros de seu partido, fazendo coligação com partidos como o PSD, PST, PRP, PTN, PTB e PDC. Alguns destes eram antigos inimigos políticos da UDN, porém, seus dirigentes, diante de acordos vantajosos, aceitaram fazer uma aliança política e integrar a Cruzada da Esperança.

Alguns cordelistas elogiam a classe operária e os trabalhadores de modo geral, ao mesmo tempo em que assinalam o entendimento de alguns políticos sobre as vantagens de terem a seu lado a classe trabalhadora, desde o momento em que esta passou a ter o direito

⁴⁸ VASCONCELOS, Alceu C. *Luiz de Barros não promete realiza*. [S.l.], [s.Ed], [19--]. p. 2.

de votar. Por isso, na décima quarta sextilha o autor escreve: “Luiz de Barros, este homem progressista [...] seu propósito é defender nossa classe trabalhista.”⁴⁹

É importante destacar que, conforme afirmação do próprio cordelista, Luiz de Barros era um rico comerciante (p.1), por isso, podemos ver com certa desconfiança esse propagado compromisso com a classe trabalhadora. O último recurso empregado pelo autor para convencer o eleitor é apelar para o seu senso de dever, pois na última sextilha fala que ele tem a obrigação de votar:

“O eleitor de bom senso
Dá seu voto consciente
Confia no candidato
E em Deus primeiramente
Porque cumpriu seu dever
Volta pra casa contente.”⁵⁰

A preocupação em relacionar a escolha eleitoral com a religiosidade do candidato parece ter sido comum entre muitos folhetos desse tipo. Nos 120 versos distribuídos em 20 sextilhas sobre a candidatura do Major Theodorico Bezerra à prefeitura da cidade de São Tomé (RN), em 1952, o cordelista José do Sertão apela para a religiosidade do eleitor, como vemos logo na primeira estrofe:

“Leitores vejam os direitos
Pelo progresso da fé
Na câmara dos deputados
Vai se ver Deus por quem é
De um candidato a prefeito
Na cidade de São Tomé.”⁵¹

Outra prática utilizada na maioria dos folhetos de propaganda eleitoral (inclusive nesse) foi a enumeração ou pelo menos a menção das riquezas do candidato, como se o fato de ser rico capacitasse o político a exercer uma liderança natural sobre os menos favorecidos (herança cultural do período colonial brasileiro, quando para se ter o direito de

⁴⁹ VASCONCELOS, Alceu C. **Luiz de Barros não promete, realiza**. p.04

⁵⁰ *Idem*, *ibidem*. p.08.

⁵¹ SERTÃO, José do. (Sem Título). In.: BEZERRA, Lauro Gonçalves. . **Majó Theodorico: O imperador do sertão**. p.89-93.

disputar um cargo eletivo era necessário possuir uma alta renda), ou seja, era a louvação da plutocracia que sempre imperou não só no Nordeste como em todo o Brasil.

No folheto encomendado a Carlos de Jesus L'eraistre por Floriano Bezerra de Araújo em 1962 quando este se candidatou pela terceira vez a deputado estadual, o apelo à participação eleitoral dos trabalhadores aparecia constantemente.⁵² O poema foi escrito em 96 versos divididos em oito estrofes duodecimais (quando o modelo de estrofe mais comum na literatura de cordel era a sextilha). O texto foi bem escrito, com versos fortes, usando um bom vocabulário e evitando erros ortográficos, muito comuns na maioria dos folhetos. Floriano Bezerra era membro do PTB e dizia-se sindicalista, no entanto, esse cordel que fazia propaganda de sua campanha lançava mão de todos os elementos tradicionais usados pelos folhetistas, como o apelo à religiosidade do eleitor, a omissão do nome do partido político do candidato e até mesmo a solicitação do apoio da classe trabalhadora. Porém, quando tenta ser mais radical falando em armas, imediatamente, esclarece que a melhor arma do operário é seu voto:

“...transformemos em canhões
Metralhadora e fuzil
Nosso voto soberano
Votando em Floriano
Em defesa do Brasil.”⁵³

Alguns candidatos chegaram até a escrever seus próprios cordéis como recurso eleitoral. Severino Galvão foi um deles.⁵⁴ Em 1959, ele candidatou-se a vice-prefeito de Natal, onde já tendo sido eleito como vereador por duas vezes. Esse folheto foi feito com amadorismo, percebe-se certa confusão em sua escrita, pois algumas vezes o autor fala na primeira pessoa do singular, e outras na terceira pessoa, além disso, prolonga-se contando fatos totalmente sem relevância para sua campanha. Por isso seu folheto ficou bastante extenso para o padrão adotado pelos cordelistas para folhetos eleitorais: com 115 estrofes em forma de quadras totalizando 460 versos. Uma das coisas que chama a atenção é a ausência de elementos que predominam nos folhetos de propaganda, como o apelo à

⁵² A sua primeira candidatura foi em 1954 (perdeu). A segunda foi em 1958 (ganhou) e elegeu-se novamente em 1962.

⁵³ L'ERAISTRE, Carlos de Jesus. **Para deputado estadual, Floriano Bezerra de Araújo**. Natal: [s.Ed. 1962. p. 03

⁵⁴ GALVÃO, Severino. **A minha vida em verso**. Natal: [s.Ed.], 1959. p.06

religiosidade ou o enaltecimento da classe trabalhada, relatando, entretanto, alguns dos seus feitos de quando foi vereador, como, por exemplo, o fato de ter votado contra um aumento na tarifa do transporte coletivo e ter criado um clube recreativo no bairro do Alecrim. Outro ponto para o qual chama a atenção é sua afirmação de que foi preso (antes de eleger-se vereador pela primeira vez), por ter falado mal do governo. Apesar dele não dizer a data em que isso aconteceu, é possível calcular, pelos intervalos entre as eleições para vereador, que isso se deu no período final do Estado Novo. Essa narrativa nos dá apenas um vislumbre do autoritarismo que atingiu até o nosso estado nessa época.

Esse folheto também menciona o fato de que as lideranças políticas, mesmo na capital, conseguiam induzir seus liderados a votarem em alguém de sua escolha (certamente em troca de algo) numa versão urbana do “curral eleitoral”. Como constatamos em sua 77ª (septuagésima sétima) estrofe:

“As rocas ‘vai’ ajudar
A eleger o Galvão,
Pois Messias vai mandar
Dar a ele a votação.”⁵⁵

Não dispomos de dados para dizer se ele foi bem votado ou não, no bairro das Rocas, porém, o fato é que não conseguiu se eleger. É interessante também citar a sua menção ao Grande Ponto:

“Homem de origem pobre
Que com ele me defronto
É melhor do que o nobre
Que vive no grande ponto”⁵⁶

Nessa estrofe, Galvão referiu-se ao Grande Ponto, esquina do cruzamento da avenida Rio Branco com a avenida João Pessoa, a qual servia de ponto de encontro de políticos e intelectuais que ali se reuniam para discutir a política do estado. Sendo comum no período, “até mesmo os deputados federais e senadores quando encontravam-se em Natal, procuravam ‘O Grande Ponto’ para dizer e receber as novidades”.⁵⁷ Naquela época,

⁵⁵ Idem, *ibidem* p.07

⁵⁶ GALVÃO, Severino. . *A minha vida em versos*. p. 08

⁵⁷ LIMA, José Ayrton de. *A História das campanhas populares no Rio Grande do Norte*. Natal: Cooperativas dos jornalistas de Natal, 1987. p. 31

os políticos eram bem mais acessíveis ao povo, já que todos sabiam que eles freqüentavam esse local público.

Na eleição para a prefeitura de Natal em 1960, o cordelista Severino Galvão, e também candidato a vice-prefeito da cidade, retratou sua trajetória política e a sua colocação como último na preferência do eleitorado natalense, com apenas 2.821 votos contra os 13.936 votos do vice-prefeito eleito. Esse folheto nos relata a vida de um homem que foi eleito para vereador de Natal por duas vezes mesmo sendo pobre, como vemos nessas quadrinhas de sua própria autoria:

“O meio de escapar...
Da fome da desgraça,
Começou a trabalhar
Vendendo “anuncio” na praça

Comprou uma bicicleta
Só para vender biscoito
Toda cidade completa
Achou ele muito afoito”⁵⁸



Como isso se deu depois de seu primeiro mandato, podemos concluir que naquela época um vereador ganhava relativamente pouco e que parte do eleitorado já não se apegava apenas ao fator financeiro para votar num candidato.

Os folhetos de cunho político também abordavam fatos políticos nem sempre relacionados com eleições. Embora estes surjam mais espontaneamente, existiam aqueles que suscitavam dúvidas quanto a sua espontaneidade, como é o caso de “O que Judas fez com Cristo fizeram com Theodorico”, de Firmino Estevam de Souza. Escrito em 1964, esse folheto poderia ser um desabafo de Theodorico Bezerra, que havia desistido de sua candidatura ao governo do estado em 1960 em prol da candidatura de Aluízio Alves, tendo este lhe prometido apoio a sua candidatura ao mesmo cargo em 1965. Como a promessa não foi cumprida, Theodorico encontrou, possivelmente nesse folheto, a forma para dizer a todos como ele estava se sentindo e o que pensava sobre Aluízio Alves. Por isso, logo na segunda estrofe, o autor compara o adversário do major com Judas Iscariotes e a Theodorico com o próprio Jesus Cristo. Na terceira e quarta estrofes, ele revela que realmente houve um pacto entre o Major Theodorico e Aluízio Alves (que antes disso eram

⁵⁸ GALVÃO, Severino. Op. Cit. p.3

inimigos políticos tradicionais) de apoiarem-se alternadamente nas eleições de 1960 e 1964. Na quinta estrofe, o autor fala que Monsenhor Walfredo Gurgel (candidato apoiado por Aluizio Alves para o governo de 1964), na verdade, foi seduzido por Aluizio para que aceitasse ser candidato. Talvez essa benevolência deva-se ao fato de o Monsenhor fazer parte do clero; é como se Firmino Estevam tivesse um certo temor em falar mal de um membro da Igreja; porém, não receia acusar o governador em exercício de “enrolão”. Isso nos mostra que existia uma certa abertura política, pois numa ditadura ele jamais ficaria impune falando nesses termos de um político tão influente.

Continuando com suas acusações, o autor lembrou que Aluizio Alves “traiu” Dinarte Mariz em 1960, quando se candidatou a governador contra a vontade do mesmo, provocando uma cisão na UDN. O mais surpreendente veio na décima estrofe quando Firmino Estevam pediu para que os eleitores não votassem no Monsenhor Walfredo Gurgel, caracterizando uma propaganda eleitoral negativa. Isso, porém, não surtiu o efeito desejado e o Monsenhor foi eleito.

Aluizio Alves talvez não tenha sido tão traidor assim, ele foi apenas pragmático, sabia que o Monsenhor era o candidato mais forte, percebeu isso na eleição para o senado em 1962, quando usou de todo seu prestígio e força política para eleger o major Theodorico e não conseguiu, ficando Theodorico em terceiro lugar, enquanto Monsenhor ficou em primeiro e Dinarte Mariz conseguiu conquistar a segunda vaga para o senado⁵⁹.

Em “Os Dois, um criminoso e o outro valentão”, de Luiz Maximiniano Araújo, as rixas políticas foram reanimadas. Esse cordel é curto, tendo apenas 36 versos divididos em nove quadras, mas consegue plenamente passar sua mensagem e registrar uma página negra da política em nosso estado. O folheto faz acusações graves a Dinarte Mariz, governador do Rio Grande do Norte, no ano de 1958, as quais, entretanto, não foram comprovadas.

Esse poema refere-se às eleições municipais de 1958 que no Rio Grande do Norte foram marcadas pela violência, havendo vários assassinatos por causa da disputa política. Tais acontecimentos chegaram a ser divulgados no sudeste do país e o Ministro da Justiça na época, Eurico Sales, determinou o envio de tropas federais para sete municípios potiguares durante as eleições.

Não sabemos com certeza se esse folheto foi encomendado pelo major Theodorico Bezerra, talvez o cordelista Araújo seja apenas seu simpatizante, porém, é interessante notar que mais uma vez um cordel que elogia Theodorico desafia abertamente um governador.

⁵⁹ LIMA, José Ayrton de. *A História das campanhas populares no Rio Grande do Norte*. p.102

Nesse caso, o acusado foi Dinarte Mariz, que foi apontado pelo folheto como mandante dos assassinatos de três pessoas em Campo Redondo, distrito de Santa Cruz. Certamente o poeta contava com a proteção do Major, senão não iria tão longe em seus versos.

HOMENAGENS PÓSTUMAS

Outra característica do folheto de ocorrido é o gosto de seus autores por explorar poeticamente o falecimento de pessoas ilustres, principalmente políticos, colaborando assim na mitificação de certas personagens. Aqui no Rio Grande do Norte um óbito muito divulgado foi o do governador Dix-Sept Rosado, grande força política de Mossoró, eleito com ampla votação. Ele, entretanto, governou por apenas cinco meses, pois faleceu em 12 de julho do mesmo ano num terrível desastre de avião próximo a Aracajú, quando viajava ao Rio de Janeiro (que na época era a Capital Federal do Brasil), em busca de investimentos para o Rio Grande do Norte. Sua morte causou comoção em todo o estado e vários folhetistas escreveram sobre o fato, dando informações como dia, hora e lugar onde aconteceu o acidente, além de falar do profundo sentimento de perda que demonstrou o povo do Rio Grande do Norte, em particular, a população de Mossoró, berço do governador falecido.

Vários cordelistas narraram esse episódio da história potiguar. Hélio Galvão publicou em seu livro sobre Dix-Sept Rosado alguns folhetos que falaram sobre sua morte, que agora serão usados em nossa pesquisa. O primeiro desses folhetos é “*A lamentável morte do governador Dix-Sept Rosado e seus auxiliares e conterrâneos*”, de João Galo. O aspecto mais forte desse tipo de folheto é o sentimentalismo, por isso, logo de entrada, João Galo apela para os sentimentos do leitor, e o interessante é que para emocionar o leitor, o autor descreve cenas do desastre de avião que vitimou Dix-Sept Rosado, como se ele tivesse presenciado pessoalmente o sinistro. Um exemplo disso é quando descreve o desespero dos passageiros na hora do acidente. Também usou de sua imaginação para descrever o encontro emocionado de Vingt e Vingt-Un Rosado, irmãos do governador falecido. Em vários outros momentos, ele abusou da liberdade poética para provocar fortes emoções piedosas no leitor. Porém, na quinquagésima segunda estrofe ele admitiu que não presenciou as cenas narradas:

“E chegando em Natal

Foi um dia de juízo
 Vê seu irmão neste estado
Eu não vi mais analiso
 Só ele mesmo calcula
 Este grande prejuízo.”⁶⁰

Em “*As pranteadas mortes de 32 pessoas inclusive Dix-Sept Rosado Maia, de quem pretendo falar*”, Benedito Antonio de Matos além de dar várias informações sobre o acidente ainda informa na décima sétima sextilha onde as vítimas foram enterradas:

“Foram vítimas todos
 Encontrados no Rio do Sal,
 Vinte ficaram em Recife
 E doze vieram a Natal,
 Ai mesmo sepultados
 No Cemitério Central.”⁶¹

Em sua trigésima sextilha expõe o sofrimento das viúvas e do povo mossoroense:

“Assim as viúvas ficaram
 Cumprindo a sina tirana,
 Chorando todos os dias,
 Como quem se desengana;
 Em Mossoró enlutou-se
 Toda criatura humana.”⁶²

A morte do governador Dix-Sept Rosado foi amplamente divulgada nos jornais e nas duas únicas emissoras de rádio de nosso estado na época. Chegando ao ponto de a Rádio Poty de Natal e a Difusora de Mossoró suspenderem suas programações normais para se dedicarem exclusivamente a esse fato.⁶³ Mesmo assim, os folhetos, com esse tema despertaram o interesse de uma parcela da população potiguar, talvez pela possibilidade de guardar o folheto como última lembrança do governador falecido ou talvez por causa da

⁶⁰ GALO, João. A lamentável morte do governador Dix-Sept Rosado e seus auxiliares e conterrâneos. In: GALVÃO, Hélio. *Dix-Sept Rosado*. p.80/90

⁶¹ MATOS, Benedito Antonio. As pranteadas mortes de 32 pessoas, inclusive Dix-Sept Rosado Maia, de quem pretendo falar. 1951. In: GALVÃO, Hélio *Dix-Sept Rosado*. p. 80/90

⁶² MATOS, Benedito Antonio. As pranteadas mortes de 32 pessoas, inclusive Dix-Sept Rosado Maia, de quem pretendo falar. In: GALVÃO, Hélio *Dix-Sept Rosado*. p. 80/ 90

⁶³ LIMA, José Ayrton de. *A história do rádio no Rio Grande do Norte*. p.134

abordagem sentimentalista que geralmente os poetas empregam em seus versos e que de certo modo sensibilizou mais a emoção popular.

Além de idealizar o acontecido, o autor também procurou dá um tom sobrenatural ao evento, afirmando que um dos membros da comitiva do governador teve um pressentimento de que algo ruim iria acontecer nessa viagem. Isso é algo que faz parte do imaginário popular, após um acidente grave sempre aparece alguém que teve uma premonição. O importante é que os outros cordelistas que escreveram sobre esse acidente não falaram sobre nenhum pressentimento.

Outro aspecto desse texto é a presença de forte tom religioso. O tempo todo através de orações e rogos dos personagens e do próprio autor que pedem a Deus pela salvação das almas dos mortos.

Outros três folhetos publicados sobre esse assunto foram: “*A lamentável morte do governador Dix-Sept Rosado no pavoroso desastre de Aracajú*”, de Antônio Teixeira Filho; “*A morte de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia*”, de Francisco Caieira de Oliveira, e “*As pranteadas mortes de 32 pessoas, inclusive Dix-Sept Rosado Maia, de quem pretendo falar*”, De Benedito Antônio de Matos.⁶⁴ Esses cordéis são muito parecidos, seguem as mesmas regras do primeiro folheto analisado, usando um forte apelo emocional e um ostensivo tom religioso, porém, não exageram na liberdade poética e nem apelam para o sobrenatural como o anterior. Algo que merece destaque no folheto de Benedito Antônio de Matos é que o autor informa o modo como recebeu a notícia do acidente:

“...Eu não queria acreditar
Mas, na casa tinha rádio
Ligeiro foram escutar.”⁶⁵

Isso vem confirmar o que foi dito anteriormente, mesmo o desastre tendo sido amplamente divulgado através da imprensa falada e escrita, as pessoas também procuravam as versões dos folhetos.

No entanto, toda essa emoção não é nada, se comparada ao choque que causou na população brasileira, o suicídio do presidente Getúlio Vargas em 1954. Uma comoção atingiu todo o país e a maioria dos cordelistas versou sobre esse acontecimento. Mais uma vez os folhetistas de nosso estado não ficaram de fora dessa tendência. Temos dois

⁶⁴ Todos esses cordéis estão disponíveis em: GALVÃO, Hélio. **Dix-Sept Rosado**.

⁶⁵ GALVÃO, Hélio. *Dix-Sept Rosado*. p. 86

exemplares de cordéis que atestam isso, são eles: “*O Brasil de Luto: A morte do presidente Getúlio Vargas e a carta que ele deixou para a nação brasileira.*”⁶⁶, no qual já na primeira sextilha o autor deixou claro o teor de seus versos, chamando Getúlio de herói e pai da nação. Além de outros elogios a sua figura, ele prendeu-se tanto ao emocional que fez apenas uma afirmação prática na décima oitava sextilha:

“Deixou para o operário
 Mais um pedaço de pão
 Deixou as leis do trabalho
 Que tem a nossa nação
 Deixou para o empregado
 E deixou para patrão.”⁶⁷

E o outro folheto é “*O suicídio do presidente Getúlio Vargas*”⁶⁸ esses cordéis são muito parecidos no apelo emocional e por falarem sobre os feitos de Getúlio. Usam um forte tom religioso, afirmam que ele foi mandado por Deus, declaram que ele amava igualmente o rico e o pobre, e o cobrem de adjetivos maravilhosos como: nobre, cândido, honesto, manso, humilde, eloqüente, amoroso e santificado. Além disso, Getúlio também foi qualificado como o grande pai, pois os cordelistas o chamaram de pai de quase tudo: era o pai da pobreza, do trabalhador, da nação, da população. Dando a impressão de que antes dele a nação brasileira encontrava-se órfã e de repente encontrou um grande protetor. Talvez o próprio Getúlio através de seus discursos populistas propagados pelo rádio durante o Estado Novo tenha levado o povo a acreditar nesse epíteto. Porém, ele não ficou só em palavras e a aprovação das leis trabalhistas (mesmo que esse não tenha sido um ato desinteressado) foi um dos motivos para sua grande popularidade.

O FOLHETO POLÍTICO RELIGIOSO

Outro tipo de folheto de ocorrido bastante comum dentro da literatura de cordel é o folheto político-religioso, pois embora o elemento religioso esteja presente na maioria dos

⁶⁶ CAVALCANTI, Antônio de A. *O Brasil de luto: A morte do Presidente Getúlio Vargas e a carta que ele deixou para a nação brasileira*. Natal: Oficinas gráficas do centro de Imprensa, 1954. p. 02

⁶⁷ CAVALCANTI, Antonio de A. Op. Cit. p.4.

⁶⁸ LIBERALINO, João. *O suicídio do presidente Getúlio Vargas*. [S.l.], [s.Ed.], [19--]. p.03

cordéis que foram escritos até os anos de 1960, existiam cordéis cujo foco central era a religião. No entanto, os que nos interessam são aqueles que falam sobre política e religião, porque entendemos que a política do período estava interligada com a religião, precisando muitas vezes da benção da Igreja para se fortalecer. Como ficou claro na análise dos cordéis até agora, os políticos muitas vezes usavam o discurso religioso em proveito próprio de várias maneiras. Primeiro para dizer a todos que era uma boa pessoa, digna de confiança. Ele diz mesmo que indiretamente: “Sou temente a Deus como você”. Depois para que o eleitor não tivesse dúvidas ao escolhê-lo: “Foi escolhido por Deus”. E por último, para justificar ações injustas quando já estava no poder: “Apenas sirvo a Deus, ele quer assim”.

As grandes lideranças políticas, porém, não ficavam apenas nessas afirmações. Alguns tinham o apoio direto da Igreja (como o próprio Aluizio Alves em sua longa parceria com o Monsenhor Walfredo Gurgel) e outros chegavam a usar ícones religiosos como o Frei Damião que, para a população rural potiguar (e de outros estados nordestinos, como Paraíba, Pernambuco, e Alagoas), era quase um santo. Ele tinha muita influência sobre as multidões que se reuniam para ouvir suas pregações. Por isso, vários políticos o convidaram para suas cidades, para através dele aumentar sua popularidade. Devido a esse fenômeno, selecionamos um folheto que enquadra Frei Damião dentro do aspecto político-religioso. Trata-se de *“Frei Damião no Assu: Promoção do prefeito Walter de Sá Leitão”*, escrito por Chico Traíra. O autor começa dizendo quem trouxe o Frei Damião para visitar o Açú, pois para o político é necessário que todos saibam de suas realizações, e uma visita do Frei Damião era algo considerado realmente grandioso pela população rural daquela época. Era um grande meio para se promover, por isso, talvez, esse folheto tenha sido encomendado, pois destaca a pessoa do prefeito e sua “luta” pra conseguir uma visita do Frei.

“Porém o nosso prefeito
Ouviu da população
Reclamações e apelos
Tomou uma decisão
Não mediu mais sacrifícios
Em trazer Frei Damião.”⁶⁹

⁶⁹ TRAÍRA, Chico. *Frei Damião no Assu*. Promoção do prefeito Walter de Sá Leitão. Açú: [s.Ed.]. [19--].

O poema contém 40 estrofes, das quais 20 são usadas para contar sobre a iniciativa do prefeito e falar sobre seu empenho em levar Frei Damião ao Açu, além de enaltecer-lhe a coragem e a fé (chega a parecer que o prefeito Walter de Sá participou de uma terrível batalha). Logo na primeira estrofe o autor usa uma expressão sem atentar para o seu significado, pois classifica o ato de levar o Frei Damião ao Açu, como uma “idéia liberal”, quando certamente a mesma nada tem de liberal, pois trata-se de uma intromissão do executivo municipal na vida religiosa da população. Além disso, Frei Damião pregava valores ultra-conservadores, como classificar de casamento ilegal a convivência entre um casal que não fosse casado na Igreja Católica (estrofe 24). Ele chamava de “rebeldia dos filhos” qualquer afastamento dos mais jovens da religião católica e de seus preceitos. Por isso aconselhava os pais a encaminharem os filhos para o catolicismo (estrofe 26). Para ele, até a dança era qualificada como um vício maldito (estrofe 30). Entretanto, a intervenção do poder público para a manutenção desses valores era vista com naturalidade e ansiedade por parte da população potiguar. O próprio Chico Traíra coloca na décima terceira sextilha que esse é o dever do prefeito:

“Deslocou-se a Mossoró
 Procurando resolver
 Este assunto importante
 Cumprindo assim seu dever...”⁷⁰

Essa prática de usar a religião como um instrumento para manobrar as camadas populares não ficou enterrada no passado, apenas se renovou acompanhando as transformações no perfil religioso da população, porém, enquanto isso persistir não conseguiremos escolher nossos governantes com objetividade.

⁷⁰TRAÍRA, Chico. **Frei Damião no Assu**. Promoção do prefeito Walter de Sá Leitão.p.04

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, pudemos conhecer um pouco sobre a situação política e social do Rio Grande do Norte no período de 1945 a 1964. Período caracterizado pela reabertura política que resultou do fim do Estado Novo.

Por outro lado, também conhecemos uma maneira muito prazerosa de estudar a história de nosso país. Lendo as versões dos folhetistas sobre acontecimentos que, até bem pouco tempo, só eram levados a sério se fossem contados através da cultura erudita. Entendendo, no entanto, que quando os poetas escreviam seus folhetos não tinham a intenção de que estes fossem usados como instrumentos para o estudo de história, percebemos que a literatura de cordel pode ser uma fonte historiográfica nada desprezível, pois nos oferece a possibilidade de perceber como as camadas populares reagiram em determinados momentos de nossa história. Nesse sentido, consultar a literatura de cordel sobre determinados acontecimentos pode ser a oportunidade de dar voz ao povo.

Analisando os cordéis, é possível perceber o que está escrito nas entrelinhas, o que significa a coragem de escrever determinados relatos e até o silêncio sobre algum assunto pode ser entendido como uma informação historiográfica.

Certamente, o tema pesquisado merece um estudo mais aprofundado que ultrapasse as barreiras de uma simples monografia, pois, apesar de muitos pesquisadores brasileiros e estrangeiros fazerem muitas pesquisas sobre a literatura de cordel brasileira, esta geralmente é vista como um todo (como se fosse igual em todos os estados brasileiros onde floresceu), ou dão maior destaque à produção cordelística de Pernambuco e Paraíba. Dessa forma, o Rio Grande do Norte sequer é citado na maioria das obras, fazendo parecer que esse tipo de literatura não existiu aqui.

Por isso, foi uma grata surpresa constatar o grande número de cordelistas que havia em nosso estado, pelo menos, desde os anos 1940 até os anos 1960. Outro dado digno de registro é a boa qualidade literária dos folhetos potiguares que não ficam abaixo dos tão estudados folhetos pernambucanos.

No entanto, devido à fragilidade material e ao pouco caso com que foram tratados por muito tempo, a maior parte deles se perdeu. Nesse sentido, seria interessante que a Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte (ou qualquer outro órgão que se interessasse) publicasse uma coletânea com os folhetos potiguares (principalmente os mais antigos) para que todos tivessem acesso a essas obras. Como também para que as gerações

futuras desfrutem dessa rica manifestação literária. Isso certamente enriqueceria bastante a cultura potiguar, que muito necessita desse tipo de ação por parte do poder público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. São Paulo: Mercado das letras, 1999.

AYALA, Maria Ignez Novais. Cultura e região: aspectos da cultura nordestina contra a corrente. Cultura popular nordestina e resistência à alienação. In: **Ciência histórica**, revista do departamento de História do Centro de ciências letras e artes da UFPb, ano II- abril/dezembro- 1986- n.22.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Lutas camponesas no nordeste**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de pesquisa em História**. Rio de Janeiro: Celta, 2002.

BARROS, Edgard Luiz de. **O Brasil de 1945 a 1964**. 3. ed. São Paulo: Ed. Parma, 1990. Coleção Repensando a História.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da Literatura de cordel**. Natal, 1977.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Leandro Gomes de Barros**. Rio de Janeiro e João Pessoa (Pb). Fundação Casa de Rui Barbosa. Universidade Federal da Paraíba. 1977.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 2000. p.233-267.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Ed. USP, 1998.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Cinco livros do povo**. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1953.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Tradições populares da pecuária nordestina**. Brasil. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. 1956.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**. Da história escrita ao relato oral. Natal: EDUFERN- 2006.

CEARÁ, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social. **Antologia da literatura de cordel**. Fortaleza, 1978, v.1.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil e DIFEL (Lisboa), 1988.

CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. (org). **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CURRAN, Mark. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 1998.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cavalaria em cordel: O passo das águas mortas**. São Paulo: HUCITEC, 1979.

GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **Cordel, leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GALVÃO, Hélio. **Dix-sept Rosado**. Mossoró (RN) Escola Superior de Agricultura de Mossoró- Fundação Guimarães Duque, Coleção Mossoroense- vol.189- 1982.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 12. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GÓES, Moacyr de. **De pé no chão também se aprende a ler**. 91961-640 uma escola democrática. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

GOMES, Claudiana do Nascimento. **Os folhetos de cordel: suas histórias e seus leitores.** Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História) Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 10. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LIMA, José Airton de. **A História das campanhas populares no Rio Grande do Norte.** Natal: Cooperativas dos jornalistas de Natal, 1987.

LIMA, José Airton de. **A história do rádio no Rio Grande do Norte.** Natal: Coojornat, 1984.

LIMA, José Airton de. **Ideologia política no rádio norte-riograndense.** Natal: Coojornat, 1985.

MACHADO, Franklin. **O que é Literatura de cordel?** Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz E. B. **História do Rio Grande do Norte contemporâneo (1934-1990).** Natal: CDF Gráfica e Editora, 2001.

MELO, Manoel Rodrigues de. **Dicionário da imprensa do Rio Grande do Norte, 1909-1987.** Natal: Fundação José Augusto, São Paulo: Cortez Editora, 1987.

NONATO, Raimundo. **Dix-sept Rosado: retratos falados de uma geração.** João Pessoa (Pb): Ed. Universitária/ UFPb, 1980.

PEREGRINO, Umberto. **Literatura de cordel em discussão.** Rio de Janeiro: Presenças Edições; Natal: Fundação José Augusto, 1984. Coleção Atualidade Crítica, v.4.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **Aluízio Alves**, Populismo e Modernização do Rio Grande do Norte. Natal: Ed. Sebo Vermelho, 2004.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra; ALBUQUERQUE, Geraldo José de. **Subsídios para a história do Rio Grande do Norte**. Natal(RN): Departamento Estadual de Imprensa, 2001.

FONTES:

FOLHETOS:

ARAÚJO, Luiz Maximiniano. Os dois, um criminoso e o outro valentão. In: BEZERRA, Lauro Bezerra Gonçalves. **Majó Theodorico**: O imperador do sertão. Natal, RN Gráfica e Editora. 1982.

CAVALCANTI, Antônio de A. **O Brasil de luto**: A morte do Presidente Getúlio Vargas e a carta que ele deixou para a nação brasileira. Natal. Oficinas gráficas do centro de Imprensa, 1954.

GALO, João. A lamentável morte do governador Dix-Sept Rosado e seus auxiliares e conterrâneos. In: GALVÃO, Hélio. **Dix-Sept Rosado**. Mossoró, ESAM, Fundação Guimarães Duque. 1982 (coleção Mossoroense, v.189).

GALVÃO, Severino. **Minha vida em verso**. Natal, s/Ed, 1959.

L'ERAISTRE, Carlos de Jesus. **Para deputado estadual, Floriano Bezerra de Araújo**. Natal, s/Ed. 1962.

LIBERALINO, João. **O suicídio do presidente Getúlio Vargas**. s/l, s/d, s/Ed.

MATOS, Benedito Antônio. As pranteadas mortes de 32 pessoas, inclusive Dix-Sept Rosado Maia, de quem pretendo falar. In: GALVÃO, Hélio. **Dix-Sept Rosado**. Mossoró, ESAM, Fundação Guimarães Duque. 1982 (coleção Mossoroense, v.189).

OLIVEIRA, Francisco Caieira de. A morte de Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia. In: GALVÃO, Hélio. **Dix-Sept Rosado**. Mossoró, ESAM, Fundação Guimarães Duque. 1982 (coleção Mossoroense, v.189).

PORFÍRIO, Pedro. **Descrição de todos os Presidentes do Brasil desde 1889 a 1951**. Só Getúlio e outro não. Natal, Tipografia São Luiz, 1951.

SERTÃO, José do, Sem título. In: BEZERRA, Lauro Bezerra Gonçalves. **Majó Theodorico: O imperador do sertão**. Natal, RN Gráfica e Editora. 1982.

SOUZA, Firmino Estevam, O que Judas fez com Cristo fizeram com Theodorico. In: BEZERRA, Lauro Bezerra Gonçalves. **Majó Theodorico: O imperador do sertão**. Natal, RN Gráfica e Editora. 1982.

TEIXEIRA FILHO, Antônio. A lamentável morte do governador Dix-Sept Rosado no pavoroso desastre de Aracajú. In: GALVÃO, Hélio. **Dix-Sept Rosado**. Mossoró, ESAM, Fundação Guimarães Duque. 1982 (coleção Mossoroense, v.189).

TRAÍRA, Chico. **Frei Damião no Assu**. Promoção do prefeito Walter de Sá Leitão. Açu, s/Ed. s/d.

VASCONCELOS, Alceu C. **Luiz de Barros não promete realiza**.s/l, s/Ed. s/d.